

O CORREIO

Director
Jorge Santos

SEMANARIO MONARCHICO

Editor
José Antonio Fontes, Sobrinho

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Rua Passos Manoel, 177-1.º — Porto

Proprietario — MARIO ANTUNES LEITÃO

ASSIGNATURAS — Portugal, Ilhas e Colonias: serie de 52 n.ºs, 12000 reis — Serie de 26 n.ºs, 5000 reis. Estrangeiro: (Paizes da União Postal) — serie de 52 n.ºs, 15 francos (ou 20000 reis). Serios de 26 n.ºs, 8 francos (ou 10000 reis). Brazil: serie de 52 n.ºs, 60000 reis (moeda brasileira). Sendo a cobrança feita pelo correio, acresc. 20 reis para Portugal, Ilhas e Colonias, e 50 centimos (ou 100 reis) para o estrangeiro.
ANUNCIOS — Na secção de anuncios: 50 reis a linha. Nas outras paginas: contracto especial.

Composto e impresso na Typographia de Arthur José de Souza, Largo de S. Domingos, 67 — Porto.
Agente em Paris: Alvaro Pinheiro Chagas — 6, Rue Duban
Agencia em Lisboa: Largo de S. Paulo, 12

1.º ANNO — N.º 15 — Avulso 20 rs.

Sabbado, 15 de Março de 1913

SUMMARIO

Ultramar — AYRES D'ORNELLAS.
Notas de um lisboeta — ANSELMO.
Echos.
Episodios da primeira incursão — JOAQUIM LEITÃO.
Os bons tempos da tropa — SATURIO PIRES.
Semana mundana.
Folhetim — A Chica — O chá da Baroneza — ANSELMO.
A proposito das suffragistas inglezas — O feminismo — GIL EANES.
A Democracia e o Suffragio Universal — SATURIO PIRES.
Carta de Lisboa.
Impressões de Theatro — ALVARO.

ULTRAMAR

«Temos, escrevia Antonio Ennes no seu relatório de 1893, a bem fundada reputação de espreitar cuidadosamente as manifestações da riqueza publica, para as perseguir como se fossem roubos.»

Nunca por certo esta dura phrase do grande colonico teve mais exacta applicação, nunca definiu melhor uma situação, do que sob o regimen vigente em Lisboa. O imposto do Cacau em S. Thomé e o ataque directo á Propriedade particular excedem em malvezza pura e simples o que de mais estranho offerçam as chronicas colonias conhecidas. Não se percebe em taes medidas principio algum de governo, não são sequer meio de arranjar dinheiro. Nem o producto do imposto, dado que se venha a cobrar, compensa de longe sequer o prejuizo á riqueza nacional nem muito menos a reivindicação para o Estado de propriedades particulares valorizadas á custa de um esforço e de um trabalho que seriam em qualquer paiz do mundo o mais honroso dos titulos de benemerencia publica, pôde significar outra coisa que não seja a ancia malfezida de prejudicar interesses, garantidos onde exista a mais rudimentar organização social.

A isto se reduziu em menos de tres annos, mas logicamente, o regimen implantado no cinco d'outubro. Começou por ser, pela sua propria existencia, um perigo nacional; hoje tornou-se além d'isso um perigo para qualquer individuo que seja um valor, que represente uma força, que constitua uma riqueza. De Rousseau depressa se chegou a Bonnot. Governar é agora em Lisboa pôr em pratica a *reprise individual*. E por isso se lança sobre a propriedade um imposto que obriga, mais ainda, que impõe ou a liquidação ou o pozio, e não contente com assumir a origem natural de toda a riqueza publica, mata-se a unica cultura colonial portugueza que representava no mundo uma força e ataca-se individualmente o direito de propriedade.

Em frente a factos publicos de tamanha gravidade, quando se patenteia perante a Europa atenta não já uma sim-

ples e talvez transitoria incapacidade administrativa, mas a autonomia absoluta entre os mandões de Lisboa e o interesse da nação ou o futuro das colonias que ella tem missão de civilisar e fazer progredir, quando elles proprios collocam o dilema com tão estúpida brutalidade, então pensa-se no vazio e no ócio do que em estylo officioso se chama ainda — as declarações ministeriaes — como se aquillo em Lisboa fosse um governo, ou os componentes de semelhante aggregado ministros responsaveis!

O mundo, dizia Bismarck em 1884, não pôde consentir no estabelecimento do regimen portuguez na Bacia do Congo. E apesar dos tempos serem outros, de haver mesmo um tratado entre a Gran-Bretanha e Portugal reconhecendo explicitamente o nosso direito, Bismarck criava afinal o antigo Estado Livre do Congo. Levou dez annos a Alemanha a conseguir deitar para lá as suas garras.

Mas o tratado franco allemão de 1911 reconheceu esse facto. Pois d'então para cá o ministerio das colonias do Imperio não teve outro objectivo senão a Angola allemã. E os interesses financeiros da City que conseguiram o accordo no caminho de ferro de Bagdad, tinham que remover da parte do gabinete de S. James, obstaculos bem mais categoricos do que aquelles que se oppõem hoje a esse novo objectivo.

Nem no fundo existe algum: o Imperialismo britannico acabou a sua expansão. O Cabo-Cairo britannico passou ao dominio da utopia. Para manter o Imperio, para o conservar tal qual está, são necessarias combinações e accordos.

Mas não são precisas conferencias internacionaes, o perigo está nos governantes de Lisboa. Não são a Gran-Bretanha nem a Alemanha que por si proprios e por seu livre alvedrio ameaçam a integridade nacional: é o sr. Costa e os individuos da mesma jaez nos quaes a Nacionalidade Portugueza está diariamente abdicando a sua representação. Elles é que estão por seu lado e também diariamente atacando todos os direitos do cidadão e todos os interesses d'uma nacionalidade. Podem com a carbonaria impôr pelo terror a submissão aos individuos, mas cada victoria por elles alcançada n'este terreno, é uma derrota perante o estrangeiro. A perda do respeito pela nacionalidade portugueza é uma diminuição da sua força.

O direito publico colonial moderno foi criado no Congresso de Berlim contra nós. P'ahi o cuidado da nossa ulterior politica internacional a qual, salvo o episodio do ultimatum, não faz senão

honra á Monarchia. Mas esse doloroso transe foi explorado pelos chamados republicanos em diatribes de patrioteira inflamação contra a secular e tradicional aliança britannica: hoje vivem vilmente das migalhas da condescendencia orgulhosa dos ministros d'essa Polencia. A mais vulgar das phrases, dirigida contudo ao Paiz e não a elles, é exaltada como uma homenagem a essa Republica que só tem licença de ir vivendo porque entrou no logar da Monarchia.

Petulantes e vaidosos aceitaram os restos d'essa Monarchia, sem o mais ligeiro vislumbre de decoro publico; o que aliás não é de estranhar em quem ignora para si o que isso queira dizer.

E assim o Ultramar, descoberto, conquistado, avassallado, civilizado pela Monarchia vai arrastando perigosamente o laço que o une á Mãe patria, porque afinal ella foi a sede da Monarchia Portugueza. Mas como a opposição é cada vez mais forte entre a nação e os governantes, como os governantes representam afinal a nação perante o estrangeiro, a nação acabará por pagar com humilhantes affrontas o prazer de ter tão avançados, radicacs e progressivos governos.

Ayres d'Ornellas.

Estava escripto o que precede, quando vimos nos jornas a noticia da morte do medico naval Antonio Rodrigues Braga. Começado este artigo com uma invocação á memoria inolvidavel de Antonio Ennes vem assim a acabar com uma sandosa homenagem a um dos seus mais fervorosos admiradores, a um dos seus mais dedicados amigos. Tinha deveras Antonio Rodrigues Braga a paixão do Ultramar. Uma vez, n'uma das muitas palestras no acampamento do Chi-como, quem escreve estas linhas manifestava o seu dissabor pelo caminho que as coisas não pareciam querer tomar. E acabava n'um impeto de mau humor declarando que terminada a campanha não mais queria saber do Ultramar. «Você é d'aquelles que nunca mais o largo» respondeu-me singelamente o Braga. Teve razão, e muitas vezes, tantos annos volvidos, recordavamos a sua phrase quando nos encontramos. Hoje, é com um gosto bem amargo que ella nos está acudindo á memoria, fazendo-nos sentir a differença entre o Ultramar d'então, com Antonio Ennes, Mourozinho, Galhardo, Caldas Xavier, Eduardo da Costa, e o de hoje com o sr. Carneira ou nem sei quem, sentando no logar onde no tempo da Monarchia estiveram o Marquez de Sá, Andrade Corvo, Rebello da Silva e outros... em quem poder não teve a morte!

Todos tem desaparecido, os do Ultramar d'então, parece que para não quererem ver a perda do que tanto tinham amado e tão bem serviram. E sirva-me ao menos de consolação o pensar que se não mais larguei esse Ultramar ao qual me prendem os mais fortes laços que a um homem podem ligar, estou hoje onde estariam os grandes mortos a cuja escola estive e cuja amizade é para mim o meu melhor titulo de honra.

Ayres d'Ornellas.

Notas de um lisboeta

O trapeiro

Mal o ceu, lá para as bandas do nascente, começava clareando, o velho trapeiro iniciava a sua peregrinação pelas ruas do bairro, detendo-se ás portas das casas, a remear as immundicias dos caixotes de lixo, no triste fadario da sua vida cheia de fome e de miseria.

Nessa madrugada, — como já muitas vezes succedera em outras madrugadas, umas de primavera, rosadas e acariciadoras, outras de inverno, asperas e pardacentas, — o velho trapeiro não ia em busca apenas da sordida trapagem que a cidade arremessava por inutil, e que, vendida depois aos montões, para elle representava o preço de um pedaço de pão negro. Nessa madrugada, no seu lento caminhar, n'aquella tortura da fome que os estrangulava havia dois dias, a elle é á sua companheira que, no lobrego casebre, agonizava, silenciosa e triste, guiava-o também a anciosa esperança de que, para entre as immundicias, alguma creada, indifferente ou distraída, tivesse lançado uns restos de pão, miserias migalhas, talvez recusadas na vespera a algum pobre e abandonadas á noite entre o lixo.

Mas já a manhã lá alta, já as ruas se enchiam de vida, de luz e de tumulto, e ainda nada o velho trapeiro encontrava, que lhe fosse engano á fome que o soffocava, e á triste companheira agonizante fosse passageiro consolo.

Curvado e tremulo, com o roto cesto tombado no passeio, ao lado, deixara-se descahir nos degraus de uma porta, e para alli ficara de olhar vago, desolado e triste, sem mais forças para caminhar, sem animo para o regresso ao casebre onde a velha companheira se extinguiu lentamente.

Junto d'elle, do caixote, — que uma creada extremunhada viera á pressa depôr nos degraus quando já no principio da rua se ouvia, monotonas e claras, as vibrações da campanha annunciando a carroça que se aproximava, — sahia, amarrada e suja, uma folha do jornal, mal embrulhando qualquer coisa.

Instinctivamente o trapeiro estendeu a mão, puxou para si a folha do jornal, e de dentro rolou um pedaço de pão em que havia uns restos de carne.

N'um arranco da fome que o devorava, o trapeiro cravou desesperadamente uma dentada n'aquella pão benedito. Mas de repente o seu olhar, que um clarão de alegria illuminara, fixou a suja folha do jornal, em que grandes letras negras se destacavam.

E n'um sobresalto de surpresa o misero trapeiro leu:

«A testemunha, José Francisco da Cruz, disse ainda que, por serem muito conhecidas as suas opiniões republicanas, não quizera encargar-se da missão de entrar no compto para descobrir todos os seus fios, e que procurando-se algum que se prestasse a desempenhar o papel de espião, se encontrara para elle o capitão de infantaria, José Virgilio Feio Quaresma.»

Ficou-se um momento, de jornal na

mão, olhando ora as negras letras que se destacavam, ora o pão em que pouco antes, n'um arranco da fome, cravara desesperadamente os dentes e que o papel emburruhara.

N'um gesto rapido, instinctivo e brutal, atirou de novo para o caixote, n'uma repulsa, o pão e a folha do jornal.

Depois, n'um vomito, cuspiu o pedaço que estivera mastigando, e, atirando para as costas o roto cesto, foi-se, cuspindo sempre, pela rua, tropeço e cansado, caminho do misero companheira, que, solitaria e triste, agonisava, mais um dia de fome e de desespero.

Anselmo.

ECHOS

Pobres creanças!

No julgamento dos srs. Carlos Lopes, José Casimiro e Alcáda, uea des testemunhas, José Francisco da Cruz, disse que, não tendo querido encarregar-se da missão de entrar n'um *complot* monarchico para lhe descobrir todos os fios, por serem demasiado conhecidas as suas opiniões republicanas, se procurou alguém que d'isso se quizesse encarregar, encontrando-se para o desempenho d'essa missão, o capitão de infantaria, José Virgílio Feio Quaresma.

Segundo se vê dos relatos do julgamento esse capitão de infantaria tem 33 annos, e está fazendo serviço no Collegio Militar.

Ao que nos dizem tem filhos ainda pequeninos.

Pobres creanças! Naturalmente passam a usar o appellido da mãe.

Mas em todo o caso é muito triste!... Pobres creanças!

74, Rua de S. Julião

A Sociedade de Geographia, que logo apoz a Republica, teve a honra de eleger seu presidente o sr. Bernardino Machado, entendendo que precisava honrar-se mais e, como o sr. Bernardino está no Brazil, elegem para o substituir o sr. Braamcamp Freire.

Achamos muito bem, porque, graças a Deus, não somos nem nunca fomos socios da Sociedade de Geographia.

Mas se o fôssemos proporíamos desde já que a Sociedade de Geographia, n'uma justissima homenagem ao seu actual presidente, dedicasse uma das suas salas á exposição de todos os desenhos e escriptos que foram distribuidos pelos deputados quando se realisava a eleição para a Presidencia da Republica, em que o sr. Braamcamp era candidato.

E se a Sociedade de Geographia, por qualquer motivo não o pudesse fazer, então proporíamos que ella mudasse a sua sede para o 74, da rua de S. Julião.

Podia até inaugurar uma lapide... com desenhos, tambem.

Colonias

O sr. Gestavão de Vasconcellos, — que de vez em quando sentença na Patria sobre questões colonias, em que se julga muito entendido desde que tem como secretario de redacção o sr. Henrique de Vasconcellos, que, por ser milto, se considera um colonial, — diz que quando as colonias chegarem á pharse adelantada a que chegou o Brazil, não haverá duvida em consentir, sem pesar, na sua completa emancipação.

Pelos vistos o avô do sr. Gestavão teve um alegrão quando o Brasil se tornou independente e o sr. Gestavão prepara-se para o ter quando as colonias, chegadas á pharse adelantada a que chegou o Brasil, se tornem independentes tambem...

Foi n'esse caso, menino, saes á familia, benza-te Deus!

Petarolas

A Patria, dirigida pelo sr. Gestavão de Vasconcellos e secretariada pelo sr. Henrique de Vasconcellos, afirma que um antigo official do exercito, monarchico, affirmou alto e bom som que preferia a administração estrangeira á Republica.

Apostamos setenta e cinco reis, que serão logo remetidas á Patria para a subseripção destinada ao pagamento da divida externa, em como aquella gazeta não é capaz de dizer quem é esse antigo official.

Reconhecimento

Temos visto quasi todos os jornaes indignados contra o novo regulamento disciplinar dos funcionarios publicos, que elles consideram d'uma violencia vexatoria.

Efectivamente pouco falta a esse regulamento para que, — como dizia o sr. Alfredo Pimenta que não percebemos porque está no evolutionismo, — n'elle se determine que os funcionarios publicos se filiem no partido do sr. Affonso e assignem o Mundo.

Mas francamente esse regulamento em vez de nos indignar contra o enorme estadista que o deitou cá para fóra, enche-nos de um profundo reconhecimento, d'uma quasi enternecida gratidão pelo homem que, tendo de occoras na sua presença, tremulo e espavorido todo um paiz, e podendo portanto, sem que alguém se atrevesse a protestar sequer, obrigar esse paiz a andar de mãos no chão e pés no ar como homenagem á redacção do Mundo, ou a ir-lhe todos os dias a casa engrajar as botas, é tão magnânimo, tão bom, tão amavel, que se limita a publicar um regulamento em que obriga os funcionarios publicos a varias cousas, que sobre elles lança uma serie de ameaças que tornam dependente a sua permanencia nos logares de qualquer capricho ou vingança, mas que em todo o caso não vae ao ponto de obrigar a um chefe de repartição a ir fazer-lhe compras, nem um primeiro official a ir-lhe lá a casa, a fazer a escada.

Porque a verdade manda Deus que se diga e todos nós precisamos accentuar bem a situação em que se está.

O sr. Affonso Costa manda n'este paiz e o paiz obedece-lhe. De quem nos devemos queixar? Do sr. Affonso Costa? Não. Para que elle deixasse de mandar, bastava que o paiz lhe não obedecesse.

Mas o paiz obedece-lhe, o paiz aceita todos os seus abusos, todas as suas violencias, todos os seus vexames. O paiz que pôde, n'um momento, pôde por ponto final a todas essas violencias, a todos esses abusos e a todos esses vexames, o paiz ruge em casa com a familia, mas guarda prudente silencio quando apparecem visitas, o paiz com os seus botões diz que isto assim não pôde continuar, mas se desconfia que anda perto um carbonario dá-se um arsinho risinho e satisfeito.

Que quer então o paiz? Naturalmente que mais umas dezenas de homens sacrificem a sua vida, a sua liberdade, os seus interesses, as suas affeições, em tentativas a que o paiz assiste modestamente por detrás das cortinas, em actos de dedicação e de abnegação, que dão em resultado irem para a cadeia, soffrerem as mais indignas violencias e ultrajes, enquanto o paiz por quem elles se sacrificaram, passados os dias de suatos, volta á pagodeira dos bailaricos, curva a cabeça e vai á repartição, indifferente a que estoirem de fome as familias dos que na lucta perderam a vida ou a liberdade, pouco se importando com que os desgraçados que se sacrificaram por uma causa, que é a do paiz, sejam cuspidos e sejalho martyrisados.

O paiz tem lá o direito de se indignar com cousa nenhuma que lhe façam! Os funcionarios pedem lá resumindo se quer contra o vexatorio regulamento disciplinar!... Não, não podem.

E se no paiz ha um pouco de justiça, a unica cousa que elle deve fazer é... agradecer, agradecer enternecidamente, ao sr. Affonso Costa o não se ter ainda, lembrado de ordenar que todos, os dias por todo o paiz, os habitantes de Portugal formassem em linha para serem chicoteados pelos carbonarios.

Mas é possível que algum dia se lembre d'isso e no mundo se dê então o espectáculo interessante de cinco milhões de creaturas deixando-se resignadamente chicotear por dois mil carbonarios.

Confissões

Ha tempos o sr. Gestavão de Vasconcellos n'uma discussão no Senado, em que um senador qualquer fallou de um burro, concluiu que o burro não podia deixar de ser elle.

Pouco depois na outra Camara um deputado, ao discutir a contribuição predial, declarou que era vadio.

Agora o sr. Antonio Granjo rectificando umas palavras que a Capital lhe attribuiu diz na Republica o seguinte: *Enfim, sabemos muito bem que não só temos a responsabilidade das nossas asneiras, mas ainda a das asneiras que a primeira piedosa creatura nos queira attribuir.*

Um conclue ser elle o burro; outro declara-se vadio; este agora confessa-se asno. Afinal de contas um correspondente do Mundo, que é que tinha razão ha dias quando dizia que em todo o republicano ha um fundo de justiça e de sinceridade.

Pela amostra que estes tres nos dão... é verdade.

Confessamolo.

Assombro

O sr. Alvaro de Castro — que é ministro da justiça, como podia ser ministro da guerra, das finanças, do fomento ou dos estrangeiros, ou de qualquer outra pasta, pois é muito reconheço que para todas ellas tinha a mesma incompetencia que tem para aquella que occupa. — o sr. Alvaro de Castro, diziamos, affirmou n'um discurso pronunciado na Imprensa Nacional que a Republica *havia de assombrar o mundo pelo seu progresso e pelo seu valimento.*

Pôde o sr. Alvaro de Castro mudar o tempo ao verbo, porque na realidade a Republica já assombrou o mundo, não apenas pelo seu progresso, que tem sido espantoso, e pelo seu valimento, que é de tal ordem que até pôde fazer, ministro, sem inconveniente, qualquer patarata, mas ainda pela sua respeitabilidade, que é de tal ordem, que chega para compensar a falta de respeitabilidade dos que a servem.

Mestre

As Novidades estranham que o sr. Gestavão de Vasconcellos, director da Patria, tenha chamado *glorioso mestre* ao sr. Theophilo Braga.

E contam então aquella coisa do juiz a quem um delegado, que era gago e se chamava Damião, tratava sempre por *collega*, ao que o juiz observava intrigado: Porque me chamará elle collega? Eu não me chamo Damião, não sou gago, nem sou delegado?

O caso não se pode applicar bem ao sr. Theophilo e ao sr. Gestavão, porque se um é magro e o outro é gordo; se um escreve e ninguem o lê e o outro é lido pelo sr. Henrique de Vasconcellos; se um quando abre a bocca entra mosca, e o outro quando a abre sai asneira, a verdade, é que sendo hoje dois collega, por serem ambos multi-simo magreiros, o segundo pode chamar Mestre ao primeiro porque, segundo para ahí se conta, foi o sr. Theophilo Braga quem fez aquella bota da lei dos accidentes de trabalho, que o sr. Gestavão não conseguia decalçar ainda.

Illusão

Diz o *Socialista* que ao ler o Regulamento Disciplinar dos Funcionarios Civis teve a illusão de que estava lendo a prosa de João Franco.

Efectivamente não ha nada mais parecido com esse Regulamento Disciplinar que sugesta os funcionarios publicos á mais oppressiva e vexatoria situação, do que aquelle decreto do governo do sr. João Franco em que aos mesmos funcionarios civis se augmentavam os vencimentos e se diminuiam os descontos.

A illusão do *Socialista* é pois naturalissima... porque naturalmente esse jornal só conhece os dois documentos por ter *avistado alumiár*.

Pergunta e resposta

Em sessão de 21 do mez passado o Supremo Tribunal de Justiça confirmou o accordo da Relação de Lisboa mandando pronunciar o sr. Costa Gonçalves, auditor do tribunal de Guerra de Lisboa, por abuso de poder contra o preso Athayde, que, como se sabe, se queixou de ter sido por elle abusivamente perseguido e maltratado.

Este sr. dr. Costa Gonçalves tem-se distinguido nas perseguições aos presos politicos, que d'elle, segundo se conta, narram requintes de maldade.

Occorre-nos uma pergunta: Soppelham os nossos leitores que se restaurava a Monarchia. Soppelham, portanto que os presos politicos que soffreram as perseguições e os maus tractos do sr. Costa Gonçalves eram postos em liberdade. Perguntamos:

Qual é cousa, qual é ella que, correndo qual gazella, com a ter muito amarella, daria tanto á canella, que ninguem mais sobre ella tornaria a pôr a vista? Escusam de se cansar... Era o dr. Costa Gonçalves.

Em Fafe

Conta a Republica que foi nomeado administrador do concelho de Fafe o mesmo individuo que exercia equal cargo em 5 de Outubro de 1910, quando foi proclamada a Republica.

Em Fafe estranharam o facto e, ao que parece, protestaram.

Pois nós o que o estranhamos é que ainda não tenha sido nomeado presidente do concelho o sr. Teixeira de Sousa, que tambem exercia equal cargo no mesmo dia 5 de Outubro.

E' verdade que estando o sr. Affonso Costa na presidencia do concelho... vem a dar na mesma.

Exactamente como no 5 de Outubro.

Rodrigo

Diz o *Socialista* que ainda se encontra em Lisboa o sr. Rodrigo Soriano, a quem os jornaes republicanos agora não fazem referencia alguma, e que, segundo parece ao mesmo *Socialista*, tem tido varias conferencias com o sr. Affonso Costa, sem que tenha transpirado o que em taes conferencias se trata.

Tambem nós não sabemos o que se tem passado em taes conferencias, mas como em Hespanha o sr. Teixeira de Souza... perdão... o sr. Romanones, — enganamos-nos sempre, — está, como é sabido, tratando de conciliar para a Monarchia as sympathias dos republicanos hespanhoes, talvez, para conciliar as do sr. Soriano, o tivesses nomeado embaixador extraordinario junto do governo portuguez.

Muitas vezes isto do conciliar sympathias dos republicanos está n'uma cousa de nada.

Ideias

O sr. conselheiro Antonio José d'Almeida declarou ao *Seculo* que vae iniciar em breve uma série de viagens politicas por todo o paiz para fazer uma activa propaganda das suas ideias.

Pois, senhores, d'esta vez é que o paiz fica idiota de todo.

Armas envenenadas

Uma das testemunhas de accusação no julgamento dos srs. Carlos Lopes, Alcáda e José Casimiro, declarou no tribunal que pertence a uma associação que liquida os inimigos da Republica com armas envenenadas.

E' claro que esta declaração feita em pleno tribunal, publicada nos jornaes e lida pelos estrangeiros residentes em Portugal, ha-de chegar ao conhecimento da imprensa lá de fóra.

Essa imprensa naturalmente communicará os seus leitores essa curiosa declaração. Muitos d'esses leitores, distraidamente, passarão adiante suppondo que são ainda cousas do bando de Bonnot e Garnier. Mas aos outros não passará d'spercebido que se trata d'um caso passado na Republica Portuguesa, de uma declaração feita por um republicano n'um tribunal militar.

E assim se realisará desde já aquella prophacia feita pelo sr. ministro da justiça na Imprensa Nacional de que a Republica *assombrará o mundo pelo seu progresso e valimento.*

Emigração

No mez de Janeiro partiram de Leixões para o Brazil 5.387 emigrantes, isto é, mais 2.156 que em igual mez do anno passado.

Os jornaes *calericas, jasilas* e reaccionarios, como o nosso, por exemplo, dirão talvez, por conveniencias politicas, que esse espantoso augmento de emigração é resultante do estado miseravel a que a Republica reduziu o paiz.

Mas não é tal. A verdade é que tudo aquillo é gente tão saudosa do sr. Bernardino Machado, que não pôde estar mais tempo sem vê-lo.

Mandem-n'o vir para cá e verem como a emigração pára logo.

Episodios

O sr. Americo de Oliveira, que é um dos revolucionarios da Rotunda, conta a respeito do sr. Luz Almeida, um dos chefes da carbonaria, o seguinte:

«Quando em preparação para a Revolução a Carbonaria Portuguesa, e já quando alguns aliados estavam a ferros, o seu chefe supremo, sr. Luz Almeida, fugia no meu automovel para parte segura.

«Por certas contrariedades que teve *nesso passo* precipitado, o grão-mestre chegou a chorar.

«Na Revolução, por isso que estava no estrangeiro, não appareceu.

«Uma vez deputado, nada fez. Quando desprestigiado no meio da rua, não se desafrentou.

Em summa este senhor Luz em se lhe assorando... apaga-se.

Claro está que não podemos dar conselhos á Carbonaria, nem ella os accetteria.

Em todo o caso sempre diremos que nós, no caso da Carbonaria, introduzimos melhoramentos no chefe, fazendo-lhe uma instalação electrica.

Assim só se apagaria quando se lhe desse as botas.

Pergunta

O Socialista pergunta ao sr. ministro da guerra qual foi o resultado da syndicação, cujo relatório já recebeu, feita ao seu ministro.

O sr. ministro da guerra não respondeu á pergunta de-lhe a mais eloquente resposta que podia dar, pois com o seu silencio Sua Senhoria diz tudo isto: que sim e mais que tambem, porque confio, tal e etc.

Em resumo: que os joven tueros continuam pondo e dispondo. E nós que entendemos que assim mesmo é que o exercito está bem posto e bem disposto, achamos excellentemente e applaudimos calorosamente o sr. ministro da guerra.



Colonias

Diz o sr. Gestevão de Vasconcellos na Patria, que teramos durante muitos annos as colonias, e nelles os institutos penaes para acallar os inimigos da Republica.

Pois sim... mas em todo o caso vão reclamando que se venda Timor para socegar os inimigos... da Monarchia.



Annuncios

Escreve-nos um assignante a estranhar que publicámos no nosso jornal annuncios como os dos egarros Heros de Chaves e Presidente Arriaga, que, diz elle, são caracteristicamente republicanos.

Pois trate esse nosso assignante de fazer com que os monarchicos que mandam os seus annuncios para o Seculo e para o Mundo, os mandem tambem para o nosso jornal, e pensaremos então n-as providencias a adoptar para que todos os nossos annuncios possam ser cantados com a musica do Hymno da Carta.

Mas enquanto isso não succede continuamente sabendo os annuncios dos Heros de Chaves e do Presidente Arriaga, que por signal são optimos para fumar.

Tambem para alguma cousa haviam de ser bons!



Amnistia

O sr. Machado dos Santos affirmou no Intrantsigente que a amnistia ha-de ser concedida e concedida em curto espaço de tempo. Olá!... E quer a carbonaria queira quer não queira!...



O caso da Junta

Escreve-nos um anonymo a deplorar que tivéssemos feito aqui referencia ao que o Socialista tem dito acerca d'aquelles casos recambolosos succedidos na Junta de Credito Publico, a proposito dos quaes temos sido feitas por aquelle jornal gravissimas accusações ao sr. Thomaz de Mascarenhas, director da mesma Junta.

O anonymo em questão acha deploravel que o tivéssemos feito porque, diz elle: 1.º—O sr. Thomaz de Mascarenhas é muito amigo dos thalassas, a quem tem evitado muitas sensorias;

2.º—A campanha do Socialista é paga com o dinheiro de um dos roubos feitos na Junta.

Ora temos a dizer ao illustre anonymo:

1.º—Que nada temos, no absoluto e voluntario isolamento em que estamos em meio da imprensa portugueza, com que seja paga ou gratuita, com que seja interessada ou desinteressada a campanha do Socialista, cujos redactores nós conhecemos e de quem nada sabemos nem de bom, nem de mau. O caso é, porém, que pagas ou gratuitas, as accusações que n'esse jornal se formulam são gravissimas e envolvem sério descredito para a Instituição de que é director esse senhor Mascarenhas, e até hoje não só esse senhor nada respondeu a estas accusações, como a propria Junta de Credito Publico, que tinha obrigação de pôr o caso bem a claro, nada fez n'esse sentido, como ainda, é caso estupendo!, a imprensa republicana não sahio do mutismo a que se recolheu logo que a campanha começou;

2.º—Que com respeito ás amizades d'esse senhor Mascarenhas pelos thalassas... tomamos conversado. Pergunte o illustre anonymo a esse senhor a reviravolta das suas opiniões politicas no Estoril, logo que appareceram as primeiras noticias da revolução, indague do que fez esse senhor para conseguir a sua nomeação para o logar que occupa, e depois faça-nos o favor de nos dispensar de lermos as suas cartas a respeito d'esse grande amigo e protector dos thalassas, que, alvo de uma grave campanha, encontrou na imprensa republicana, e começou pelo

Mundo, o mais impr'rturbavel dos silencios, como talvez venha a encontrar a mais amavel das defezas.

Continuem os thalassas a cultivar amizades assim, e depois... litem Aqui d'El-Rei... que é para ver se lhes responde ou não... o Presidente da Republica!

Benza os Deus!... E gastou o anonymo o dinheiro da estampilha para nos mandar tal carta e fez-nos perder tempo a lê-la!... Ora adeus!...



EPISODIOS DA PRIMEIRA INCURSÃO

Novo homens sublevam terras de quatro provincias

Entrevista com o capitão João d'Azevedo Lobo

Na primeira parte d'esta entrevista, esboçamos a largo traço, n'um apontamento a carvão para grande tela, o trecho da acção da personagem principal — capitão João d'Azevedo Lobo —, d'este empolgante episodio da primeira incursão monarchica.

Resumimos a firmeza da sua incompatibilidade com a defeção, assistindo ao seu pedido telegraphico de demissão de governador da Lunda, acompanhando o discretamente nas suas passadas de conspirar, pelas ruas de Lisboa, ouvido — porque o capitão Lobo fallia tão alto que não é preciso escutar —, a sua resposta ás tentativas de captação d'um ministro provisório, presenciando a sua passagem pela Praça d'Almeida, a sua galopada para o exilio, e seus tormentos ao ver-se sem armamento, para a missão, recebida, de sublevar as Beiras, e por fim o grito de desesperada audacia arrojando-se para a temeridade da empreza revolucionaria, com uma escolta de oito rapazes, dispostos como elle a dar a vida por uma causa.

Quando elles se puzeram em marcha para a fronteira, estavam, justamente repletos de que o modesto espaço, dado á nossa collaboração, não contivesse a extensão belleza d'este emocionante rasgo d'audacia. Vamos, agora, correr em poz elles, alocuções antes da linha fronteira, e nunca mais os largaremos até os ver outra vez a salvo, viver os perigos d'elles, sofrer as suas decepções, commungar nas suas aberturas de triumpho, partilhar a vida errante das ultimas horas seranas.

E, como melhor de quem fallia por ter ouvido João, conta quem viu, ouçamos o capitão João d'Azevedo Lobo que tudo ouviu: o palpitar do pequeno coração da Patria nas fragas de Monsanto, os tiros de combate de redor da cadeia de Macedo de Cavalleiros, onde elles haviam ido parar, o tropel da derrota, as chuvas da retirada nas lagas e na pedrilha da fronteira.

— A bravura e a confiança em mim d'estes meus companheiros — dizia o capitão Azevedo Lobo —, só serviu para os comprometter a todos e arriscar-lhes as vidas, mas n'aquelle momento eu suppunha que podessem servir para mais alguma coisa, porque longe de mim o calcular que a columna de Couceiro não estivesse já no Minho ou pelo menos no coração de Traz-os-Montes, visto como não fora avisado de qualquer addimento ou contratempo na marcha, para dentro da fronteira de Portugal. A falta d'armas, eu ia operar com boas palavras, foguetes e musica, e com o exemplo; nunca fui dado ao sport da inacção, nem foi para isso que me ausentei do Portugal; ia, conforme as circumstancias me mandavam ir, mas ia.

— Nem para a defeza pessoal iam prevenidos?

— Levavamos pistolas Browning. Só Tavares Proença e Vaz Preto traziam cada um a sua bella carabina Winchester. Ah! tambem levavamos, isto emão todos, corças reas nos chapéus e golas do casaco. Para... alvo, iamos bem. E lá fomos.

— Leves d'armas, mas pesados de fé!

— A fé, que levanta montanhas, tambem levanta povoações. A's seis da tarde estavamos em Valverde. Jantamos, e ás oito da noite, continuamos o caminho, montados em muare. Deu-nos meia-noite a bater á cabana do contrabandista Sebastião Farinha, a dois kilometros da fronteira, que queriamos nos servir de guia. Os espanhóes, d'omos dos muare, recusaram-se a passar d'alli, negando o seu sangue castelhano. As muare, que decerto tambem não eram castelhanas, fizeram causa commum com os homens, conseguindo nós levar duas muare, depois de depositar o seu valor... estimativo: 1.200 pesetas. N'uma das muare a Tavares Proença, impossibilitado de caminhar, e na outra alguma bagagem d'aquella expedicoe de... 9 homens! A' uma hora e

Transcripções

Teem merecido honras de transcripções, e varios collegas, varios artigos do Correio. Assim, transcreveram: A Guarda, trechos das entrevistas de Joaquim Leitão com Paul Adam e Gustavo Le Bon; A Nação, trechos da entrevista de Joaquim Leitão com Gustavo Le Bon; A União, d'Angra do Heroismo, um dos nossos artigos Outros Tempos e os mesmos costumes; e o jornal parisiense La Patrie, a entrevista de Joaquim Leitão com Henri Rochefort, dirigindo a Patrie palavras muito agradaveis ao nosso collaborador.

essa hora, eu ainda não suppunha que o paiz continuasse nas mãos dos republicanos; suppunha-a a secundar um movimento mais forte e mais adeantado.

— Mas por muito adeantada que fosse a marcha da outra columna, o capitão Lobo ainda não podia contar com ella para o soccorrer a si e áquelle ponto?

— Não. O meu plano era concentrar-me nas escarpas serra de Monsanto, com o povo das frangueias citadas, defendendo-me com as caçadeiras, as armas leaes e tradicionais da Luzitania, secundando assim o movimento que julgava iniciado no norte, e assim provocando a divisão das forças republicanas, e o desmormentamento das governações.

Porque se não entrincheirou a guerrilha de Monsanto.

— E porque não levou por deante essa guerrilha?

— Porque quando eu a organisava, a noite trouxe a Monsanto um automovel, que não entrou na povoação, conduzindo alguém que, por um erro, me mandou recado de que se quizesse immediatamente para a Guarda, cuja cidade esse alguém ia sublevar. O agrônomo Luiz Valente, um dos meus companheiros, desceu a ravina para ir falar ao homem do automovel, mas já não o encontrou. Então, parti com os oito rapazes n'um automovel, que o Vaz Preto puzera á minha disposição, em direção á Guarda, pela estrada da Louzã, Fundão e Covilhã. No alto de Santa Cruz parei: fóra o ponto indicado pelo 'homem-do-automovel' encarregado do levantamento da Guarda. Com grande espanto meu e de todos os que me acompanhavam, não encontrei 'homem' nem 'automovel', nem nenhum levantamento na Guarda. Assisti a outro levantamento...

— Qual? Onde?

— O levantamento dos mestros para os festejos do 3 d'outubro, na Guarda.

— Assistiu?

— Assistimos. Atravessámos a Guarda em automovel, pa' ámos no meio da cidade, e estivemos a ver a preparação das festas. Como não se via o 'homem-do-automovel' que devia pôr no topo d'aquelles pús a bandeira azul e branca, e como sobessemos, pela genio do logar, que nem 'homem-do-automovel' nem o 'automovel-do-homem' ali estavara, deixámos a Guarda, a tempo de escaparmos ás metralhadoras de Castello Branco.

— Fomos avisados de que tinham sahido de Castello Branco, em nossa perseguição, quatro auto-móveis com 2 metralhadoras e 30 praças d'infantaria, que estiveram dois dias em Monsanto sem entrar lá dentro do castello.

— Que partido tomou?

— O de me aventurar pelo paiz fóra, para fazer a minha junção com a columna de Paiva Couceiro, que eu suppunha ir encontrar nas margens do Douro.

— E rumo?

— Da Guarda fomos por Celorico a Lamego que, ao chegarmos, estava festejando o 3 d'outubro, com um circo civil, a que assistimos. Engrossamos assim a concorrencia da festança, e é de crer que os corresponsades das gazetas dissessem no dia seguinte que no circo assistira uma entusiastica multidão e passoa gradas do concehlo, vindas nos seus automoveis. Em Lamego estivemos conversando com policias e soldados, e assim que acabou o processo civica abalámos. Mas a 8 kilometros de Lamego, e chaffes dá por falta de gazolina, e ahí temos nos de voltar a Lamego por ella.

— Os senhores não se lembravam de que um telegramma, um encontro casual d'um antigo camarada, d'um antigo amigo e actual carbonario o reconhecesse a si ou a alguns dos rapazes, e desse o alarme?

— A' espera de ser presos a todo o momento iamos nós. Mas que haviamos nós de fazer? Quem se esconde ou se agacha não faz revoluções. Quando me atirei para fóra do paiz, bem sabia que jogava os galões; quando me atirei para dentro da fronteira bem sabia que jogava a vida, não era só a liberdade.

E sem mais reparo, o capitão Azevedo Lobo continuou:

— Tendo de voltar a Lamego, o Luiz Valente foi-me saber que noticias havia á fronteira. Informaram-o que um tenente-coronel Costa, que estava em Lamego, recebera um telegramma dizendo que as coisas iam muito mal na fronteira. Se ia mal para o tenente-coronel, é porque iam boas para nós.

— E os senhores com esse descanço todo!... a saber noticias, a comprar gazolina, a assistir a cirios, como se tivéssemos consigo o 'Exercito de Italia', a grande armez! É preciso ser temerario!...

— Não, meu amigo! Não é preciso nada d'isso. Basta ser homem e conhecer este axioma: não se morre duas vezes. Comprada a gazolina, dissemos adeus a Lamego, e metímo-nos á margem esquerda do Douro para passar á Ponte do Pocinho, evitando a ponte da Regoa que sabia estar guardada, e seguir para Alijó e Murça.

Como o povo e os soldados os reconhecião.

—E tudo isso sem encontrar forças da republica, um automovel de carbonarios, um administrador de conceelho?

—Não... carbonarios, n'esses dias, não se viam muito... Em Murça, havia um destacamento, commandado por um subalterno, que veio muito espantado ver a passagem do automovel, sem saber o que era. Enquanto compravamos mais gasolina, a gente de Murça, o destacamento de Murça, o povo todo rodeou-nos o automovel. Só nos não appareceu a Porea de Murça, acanhada, coitada! de nos apparecer vestida de verde, ella que fóra toda a vida thalassa. O povo, emquanto se despejava a gasolina, discussão: «Serão republicanos ou monarchicos?» E uns disseram: «Pharos apagados, são monarchicos, com certeza».

Força armada cercalhes o automovel.

—E eram!

—Eram, são e serão!... De Murça fomos a Palheiros, onde fomos recebidos com vivas á Monarchia, e onde comemos alguma coisa. Desde manhã que não tinhamos feito senão papar leguas: alimento pouco. Estavamos fracos. De Palheiros, cahimos em Mirandella que nos recebeu com illuminações e balões á veneziana commemorativos do 3 d'outubro. Alli soboumos que o batalhão de voluntarios (carbonarios) de Mirandella partira para Bragança, a reforçar a guarnição, porque Conceiro estava na Serra da Corôa, e atacara Vinhães. Rompemos para a frente, e ás 10 horas da noite, chegavamos a Macedo de Cavalleiros. Mas ahí a autoridade administrativa correou-nos o automovel com força armada, e eu e os meus companheiros fomos presos e levados para a cadeia da villa.

O povo de Chacim atacando a cadeia, para libertar os presos monarchicos. Combate do povo e tropa.

—Era de esperar.

—A's onze da noite, não havia meia-hora que estavamos presos, a gente da povoação de Chacim, commandada pelo abade, homem de um incontestavel valor e dedicação á nossa causa, atacava a cadeia. Nada puderam fazer. Armados de caçadeiras, não podiam do modo algum resistir ás armas. Só a 86 da policia e guarda-fiscal que defendiam o prisão, commandados pelo secretario da administração. Em face de tal resistencia, o abade de Chacim retirou, mas para se refazer.

—Meu, caro capitão: um padre muito popular n'uma região portugueza, disse-me ha poucos mezes, passando em Paris: «Em Portugal só não tem melo quem usa saias: mulheres e padres!»

—Não ha duvida. E os nosso abade de Chacim bem o proveu. Retirando-se, não desatinou: toda a noite trabalhou, arremetendo, juntou gente. E ás 6 horas da manhã reapareceu com mais cinco abbades e influentes civis, entre os quaes o Padre Pinto e o influente civil Sá de Miranda, descendente do grande poeta nacional Sá de Miranda, á frente de 400 homens, armados de caçadeiras e machados com que arrombaram as portas da cadeia onde estavamos, conseguindo por-nos em liberdade.

—Os senhores contaram com isso? —Não, senhor. E quando alta manhã sentimos as pancadas dos machados nas portas da cadeia, a nossa primeira impressão foi de que íamos ser victimas d'algum attentado dos «hotententes vermelhos». Travou-se combate do povo com a força armada, e depois d'um fogo vivo, em que se trocaram para cima de 300 tiros de parte a parte, a policia, a guarda-fiscal e carbonarios foram postos em fuga, tendo nós 2 baixas: 1 morto, e 1 ferido, em ambas as mãos.

—O povo, o grande povo!... —O povo não falla. Não tem soldo, tem Patria! repetiu o capitão Azevedo Lobo.

Tomada a bastilha de Macedo de Cavalleiros proclamou-se a Monarchia.

—Uma vez em liberdade saíram de Macedo de Cavalleiros?

—Uma vez em liberdade, proclamamos a Monarchia. Fomos á quitanda do administrador do conceelho, que se escondeu debaixo do balcão, e mandámos-lhe fazer duas bandeiras nacionaes. O homem disse que não tinha mas, compreendendo que eram precisas, em menos de um quarto de hora, fabricou as duas bandeiras azues e brancas. Hasteou uma na Câmara Municipal e entregou outra ao povo, sendo queimadas por mim as bandeiras republicanas. Terminada esta solemnidade, quando me mettia no automovel —manhã de 6 d'outubro— para me dirigir a Bragança, de que já então julgava

a columna de Paiva Conceiro assenhoreada, surgiu na estação do caminho de ferro um comboyo, vindo de Bragança, que desembarcava oitenta praças em minha perscrigção. Era a segunda vez que a minha «memorosa columna» tinha a honra de incomodar o exercito. E' sempre assim: quem mais trabalha são os perseguicidos. O exercito se vae ter commigo a Monsanto não teria andado tanta legua á minha procura. Desentendos, descoincidencias...

O capitão Azevedo Lobo consegue communicar com Paiva Conceiro.

—E o que fez?

—Não recebi essas visitas. Emquanto o povo, com a bandeira, se refugiava na serra proxima, eu seguia no automovel, levando commigo o nosso heroeico libertador abade de Chacim, pela estrada que serve Bragança. Em Valle de Nogueira, gente chegada de Bragança, passa palavra que effectivamente Bragança suppuza que a columna do capitão Paiva Conceiro se dirigisse para alli, no dia 4, mas que elle infectaria para Vinhães, abandonando a resolução de tomar Bragança.

—Como sabe, não foi nada d'isso. Por tração ou incompetencia dos guias, a columna de Paiva Conceiro passou a noite n'uma tormentosa marcha de oito horas, com um unteio alto de dez minutos (para um reconhecimento) zigzagueando a serra; e, quando amanheceu, os guias tinham o pesto na Serra da Sanabria, e não em Bragança. Bragança só podia ser tomada por surpresa. Conceiro bateu-se brilhantemente em Vinhães, não teve ahí adhesões, Bragança estava reforçada, foi, pois, obrigado a seguir para Cazares.

—Hoje sei tudo isso. N'aquelle momento, sabia o indispensavel: Conceiro não estava em Bragança mas em Vinhães. Abandonei, por conseguinte, a ideia de ir a Bragança. A alavanca da direcção do automovel partiu-se. Guardei-o n'um barracão da localidade, onde a Republica o vi depois buscar, andando a servir-se d'elle com aquella semceremonia que os rapazes se servem das unhas dos vinhos. Apendo, metti á serra em direcção a Vinhães, onde tambem não pude chegar porque já corria por lá a voz de que Conceiro saíra, e Vinhães fóra, depois d'elle sair, reforçada por infantaria e cavallaria republicana.

—Mas não communicou com a columna? —Procuerei por todas as formas e feitiços ter noticias da columna do commandante, e a ella unir. Pelo favor da noite, mandei tres homens a horas diferentes, ver se conseguiam encontrar a columna, entregando-lhes um bilhete em que pedia instrucções ao commandante.

—E foi feliz? —No dia seguinte voltava um dos homens... —Tão depressa?! —Eu estava na serra, em sitio proximo de Vinhães, uma legua, se tanto. No dia seguinte, pois, um dos homens voltou com este bilhete de Paiva Conceiro, em resposta ao meu: «Edou sou momento em Cazares (ao N. de Vinhães) perto da fronteira. Estão-me perseguindo, e por isso não posso dizer para onde vou agora. Quero fazer esperar o portador, mas elle diz que tem pressa». No outro dia procurei obter mais, embora indirectas, informações, tendo como resposta que não pensasse em tomar a direcção da columna, porque tropas de terra e mar, e 300 carbonarios exerciam uma observação rigorosa.

Vinte e dois dias a monte.

—E depois?

—Depois conheci todos os horrores da vida corrente. Hoje n'um palheiro, amanhã n'uma choça, além n'uma lareira, passado-manhã á chuva. Ah! mas conheci tambem o que é o Povo, o grande Povo portuguez.

Andavamos serra acima, a cortá-matto, por fragas por chuvas, e quando, ao acaso, batiamos a um casbre, para onde uma luzita nos guiara de longe, nunca reosimos uma tração nem uma denuncia. Batiamos, entravámos. E, quasi sempre gente pobre, serrana, observá-vos, tinha o palpite de que eramos os foragidos de que fallavam todas as redondezas, e com uma caridade christá de enternecer, levavam-nos para a lareira, davam-nos das suas sopas, faziam-nos umas camas, e tinham o cuidado de nos seccar as roupas, para de manhã, ao vesti-las, as não sentirmos ao menos tão pesadas. Quando eu lhes dizia: «Nós precisamos que ninguém por aqui saiba do nosso rastio!», respondiam: «Estejam descansados, centuras! Deus os trouxe, Deus vos com oco-meceis, para os trazer de caminho! Vinte e dois dias vivimos essa vida nomada, que terminou por uma serie de cinco dias perdidos nas serras, com os guias inúteis, sob chuvas torrencias, passando rios, que estavam transformados em rios, atravessando levadas com agua pela cintura, até que eu, Tavares Prouença e José Frões, fomos sahir a Verin, pela Mesquita. Outros foram ter mais tarde a Madrid, a Vigo,

conforme poderam e quando poderam, porque a retrada não se fazia facilmente juntos. Um, Antonio Graça, prolongou a sua odyssea, andou vestido de campones e de mendigo, esteve no Porto, foi a Lisboa, viajou com carbonarios, frequentou os cafés da Baixa, passou o Chiado, viu, ouviu, e, assim que pôde, voltou.

—Conheço e espero contar essa audaciosa jornada.

De facto, essa romantica jornada de Antonio Graça, é a continuação logica d'esta entrevista, como o seu arrojado é o prolongamento do rugo da audacia d'esta incursão das Beiras, tentada por nove homens que atravessam as provincias da Beira-Baixa. Beira-Alta, Douro e Traz-os-Montes, pisam terra de cinco districtos, —Castello Branco, Guarda, Porto, Villa Real e Bragança— proclamam a Monarchia em varias povoações, são presos, travam combate e libertam-se na mesma noite da prisão, põem em fuga a força armada, obrigam o administrador do conceelho, que os prendera horas antes, a cozer por sua mão bandeiras azues e brancas, dispendem toda a audacia, toda a temeridade, todas as bellezas da coragem, e sobre este esforço inutil, e a retrada gelada das serras, esses homens voltam muito simplesmente, como qualquer funcionario que, após uma socegada manhã de repartição, regressa a casa, de posse do seu casacão e do seu guarda-chuva.

Joaquim Leitão.

Os bons tempos da tropa

O sargento Felix

Um exemplar magnifico aquelle Felix...

Parece-me estar a velo á frente da escola de recrutas, pimpante, apumado, as mãos atrás das costas, a berrar, em voz de stentor:

—A' voz de meia volta, pé direito com forra á rectaguarda... Tudo ao mesmo tempo!... Escola: Meia-volta!...

E logo iracundo:

—Tudo conta: Um!

E a escola em côro:

—«Um!»

Mas Felix, não se satisfazia, e bramia:

—Com mais forra: Um!

E a escola, dando o dô de peito:

—«Um!»

Logo que era attingido o diapasso requerido, logo que a contagem lhe soava bem, Felix, n'um gesto largo de maestro, todo elle entregue á sua arte, todo elle inflamado, dava a voz:

—Descaaaan... çar!

E, logo, em quatro pernadas, n'um golpe de vista largo pelo auditorio (que nunca fallava) atravava, á guisa de louvor e de quem está plenamente satisfeito:

—Sua de medusas!...

A verdade é que ninguém jámais percebeu o que elle pretendia dizer com aquelle medusas... Mas, francamente, a galuchada gostava immenso do louvor, e era doída pelo nosso sargento Felix...

Pois era um magnifico exemplar o nosso Felix...

Homem de poucas letras, d'isso não ha duvida.

Por exemplo: sempre que se precisava do Deposito regimental, munições, ou fossem de bala simulada ou cartuchos de guerra, Felix redigia assim: «Requisita-se á arrecadação geral tantos cartuchos para consumo das praças d'esta companhia.» Tambem jámais alguém o viu escrever serviço interno senão serviço eterno.

Mas, a par d'estas calinadas, era o que se chama um instructor de mão cheia, antigo padreiro, é certo, mas conseguindo dos seus recrutas o que nós nunca eramos capazes de conseguir... Simplemente admiravel!

Depois, Felix tinha um processo só seu, absolutamente inimitavel, um phraseado sui generis, que o recruta apanhava no ar e logo comprehendia; e, a par d'isto tudo, um methodo expeditivo: toda a instrucção por elle ministrada, mettia gravuras e mettia côro. Felix a ensinar «as continencias e honras militares» era um pratinho...

Tratava-se da continencia devida a El-Rei? Pois muito bem: Felix distribuia a escola pela parada fóra.

Aqui era um grupo de praças, que fingiam conversar distraidamente. Ali uma sentinella isolada. Além uma guarda de cabo. Mais adiante um fachina, que apressadamente ia levar uns papeis a assignar, uma dispensa do recolher, etc. Tudo recrutas, é claro, e recrutas da sua «escola»...

Disposta a miss-en-scène, os figurantes a postos, Felix ia lá para longe, tomava os seus grandes ares, todo elle se emprova e, sempre de mãos atrás das costas, annunciava:

—«Vae passar Sua Magestade El-Rei!... Eu sou Sua Magestade El-Rei!... Attenção!»

E repedia, gravemente:

—«Vae passar Sua Magestade El-Rei!... Tudo repete alto e com forra. E, a escola, em unisono e a plenos pulmões—os fachinas, as sentinellas, as praças que conversavam distraidamente—...»

—«Vae passar Sua Magestade El-Rei!...»

E Felix avançava impavido, imitando á maravilha, as passadas largas de El-Rei D. Carlos, saudando militarmente com dois dedos, á allemã, para a direita e para a esquerda—entre os braços «A's armas!» e as continencias rasgadas a 40 passos...

Finalmente, tudo ao vivo e com estampas, e... não havia escola melhor que a do sargento Felix...

Aposto que o leitor não sabe, como elle conseguia, a firmeza absoluta das praças e a sua attitude marcial de baixo de forma. Pois era d'uma maneira muito simples, como se vae ver:

A parada dava sobre o Tejo. Elle enfileirava a escola, dando um dos flancos ao rio. Depois, segundo o costume, vinha para a frente dos recrutas e recomendava, no tom de quem não admite confusões, espagando bem as palavras: —«O soldado na forma... está... na posição de sentido (pausa)... de sentido... (pausa)... Na posição de sentido está-se com o corpo direito, a cabeça bem levantada e olhando bem na frente, as mãos ao lado, os calcanhares unidos, etc...»

...E ninguém niche!... Ninguém niche! Senão...»

E dava a voz de sentido. Corrigia as posições dos diferentes homens e vinha para a rectaguarda da escola. Depois de se certificar que tudo estava firme como uma rocha, monologava em voz alta, olhando a barra:

—«Mas que lindo barquinho que além vem a entrar!... Como elle traz as suas vélas enfundadas! Que belleza! (E ôho na escola) Que maravilha!...»

Nesta altura, era impossivel que alguns dos galuchitos, mais curiosos, não voltasse a cabeça... para ver...

O' diabo, que tal fizeste!

Felix, iracundo, terrível, a espumar ira, rôxo de colera, investia de punhos cerrados sobre os malaventurados, soltando o seu grito de guerra:

—«Oh! Seus Cannaviaes de Cannas!... Que os radiolo, como a uma melancia de pataco!»

E, apôlítico, com as cordoveias do pescoço inchadas, rugia, na frente da escola, dando estícos aos braços.

—«Firme! Firme!»

E, apesar de nunca haver tocado com um dedo n'uma praça, ninguém mais pensava em mecher uma pestana que fosse, cahisse muito embôra o Ceu e a Terra, dissesse Felix, quantas vezes lhe apetece-se:

—«Mas, como elle traz as suas vélas todas enfundadas!»

Então Felix, triumphante, mandava descansar.

E tal como Bonaparte com o seu «Je suis content de vous»—risinho, commentava, como a fazer uma festa aos seus rapazes:

—«Sua de Medusas!...»

Pobre Felix! Bello Felix!
O que será feito d'elle?
Daria tambem em Carabonário!
Era o que me faltava ver...

Saturio Pires.

A proposito das suffragistas inglezas

FEMINISMO

Quem está deitando por terra a causa propria a ponto que de tão apregoados grilo de revolta não restará dentro em pouco senão o ridiculo?

Ella, a mulher de hoje, a «suffragista» enfiada, irritante, mesquinha, de ambições vagas e affectação bulhenta, pueril, sem ideal, sem prestigio, producto doentio do seculo XIX, lançado á face de quem a queira ouvir todo o vazio da sua pequenina mentalidade de avesita saltitante que, de pouso em pouso, lá vae esvoaçando pelas brumas baixas do modernismo, sem ver que além, nas alturas, ficou a outra, o typo, sorrindo enigmaticamente, espectralmente impassível, a verdadeira, a grande, a que foi, a que é, a que ha-de ser, aquella que confia, certa de que a civilização moderna tudo lhe concede dentro do seu papel de mulher, não pretendendo a victoria e regeitando do seu seio, como inúteis, nocivos e perversos esses entes de ideias confusas que preferem a rua, a população, o escandalo e o ridiculo á dignidade que lhes compete, intitulando-se pomposamente: «mulher moderna»; aquella que sabe que no dia em que a nação carecer realmente do seu voto ella o ha-de ter, o ha-de dar sem luctas nem esforço. Porque esse passo está dado: a mulher tem o seu lugar garantido na marcha da civilização, ajudando tanto como o homem ao desenlace do Progresso que corre dia a dia. Tanto como o homem? Mais, porventura; ella o educa, ella o dominou sempre, alma que de tanto cuidar por elle desabrochára, flor selecta, se abria em florescencias claras vida-fóra, á luz do seu sceptro de sacrificio e bondade, em escala ascendente, o espirito do homem subia, abençoando-a, senhor mais a mais da centella divina, até Deus.

Fraça entre os fracos, a sua arma tornara-se invencível. Feliz, triumphava confiante. Infeliz, guiava victoriosa. — Guia-a e guia, hoje como sempre: basta conhecer-se uma familia de pescadores em Portugal, por exemplo, para se ver como dos dois rudes, o homem e a mulher, inculcos ambos, filhos da natureza, ella, a que velou em noutes de angustia, a que se sacrificou, a que soffreu, a que implorou Deus nas horas em que o marido voltava da taberna, meio-abrutado, a que enguliu as lagrimas em silencio e fitou o Destino como altivez, ella, a fraca, a impotente, foi quem evolucionou, purificada, elevada, esclarecida pela dor, tornando-se n'esse ente de previdencia e conselho, apoio certo no meio da desgraça, leme do barco com a constancia forte da sua superioridade.

Fóra da tragedia da miseria, hoje em dia em terras «civilizadas» toda a mulher que queira trabalhar encontra os seus direitos estabelecidos e liquidados, mormente n'essa Inglaterra de onde surge a novidade estonteadora (pois desanimada) do processo «suffragista». E' portanto assumpto que nem já se discute. (A não ser que o producto — suffragista — não tenha justamente vindo dar azo a que a mulher moderna seja declarada irresponsavel e indigna dos privilegios que requer).

Não vem a proposito discutir-se aqui a utilidade ou não utilidade do voto das mulheres; de resto, não é novidade, existindo na Australia. Mas pergunta-se (abstrahindo do caso especial das suffragistas): não estará a mulher a pre-

parar-se por vontade propria um futuro difficil, sobrecarregando-se de responsabilidades cujo alcance lhe escapa, que pesarão em demasido sobre a sua fragil resistencia e a darão por vencida?

Quando justamente o que ella pretende é a vaidade (absurda) de mostrar que pode hombraer em tudo com o rival, o homem, (que, apesar do treno de tanto seculo n'esses ramos de actividade que ella lhe quer usurpar, quanta e vez é arrastado na torrente tormentosa em plena lucta)? E quando um dia o vier a ver não será tarde?

«Mas quem corre por sua conta e risco não cança». Em todo o caso se a mulher ingleza pretende dirigir a politica do seu paiz, este episodio *modern-style* das suffragistas é um symptoma triste: 1.º da sua pouca aptidão para a politica; 2.º do quanto se está longe ainda d'um estado de civilização inevitavel em que a mulher, com instrução equivalente á do homem, sciente do seu poder e serena de força intellectual aguarde o momento em que a venham reclamar.

Se alguma d'estas amotinadoras que, justo é dizer-se, com todo o seu ridiculo e a maneira revoltante de como procedem tem em si o estôfo de heroínas, em vez de descer á rua a combinar pirraças infantis se puzesse de pena na mão ao lado de algum philosofo (não são elles que preparam as revoluções, as verdadeiras, as que são a emoção de um povo que lh'a faz adivinhar como arauto escolhido?) e por meio de logica consegue convencer a maioria da necessidade do voto das mulheres, a causa ficava ganha dignamente, envolvendo n'uma luz de grandeza essas que hoje não ficam meus do que escoracadas.

Como alguém disse algures, as revoluções não se fazem, nascem. Mal d'aquellas provocadas em momento inoportuno, inútil, não sentindo: não vinga; derrubam sem dar fructo...

O caso das suffragistas, a não ser que as cousas mudem repentinamente, não passa de uma triste farsa.

E' curioso como a ingleza flegmatica foi tão «feminina» de gesto tão infeliz de attitude: lembra um mosquitinho importuno que ao cabo de uma pequena hesitação, por dó, se esmaga com o levantar de um dedo.

Estão myopes as suffragistas: não vêem o que ha a fazer na vida, quanto a mulher moderna, após as victorias alcançadas, tem a explorar. Não vêem que as imposições das massadoras de um insignificante Lloyd-George não valem o dispendio da sua coragem e da sua energia e que a Inglaterra um dia, quando tivessem adquirido pela calada um cerebro d'homem, lhes pediria o suffragio, sem terem que ellas o reclamar como direito discutivel.

A força é o direito, todos o sabem. E como esse direito da mulher tem um logar tão preponderante n'este seculo XIX que indou e dó qual somos, ao que aspira afinal a mulher moderna que tão relativamente pouco ainda tem aproveitado, quer dizer explorado d'esses tão apregoados direitos?

Independencia, liberdade de acção? Tem-a. Pelo menos o bastante para a expansão da sua energia, para a utilização das suas facultades, para poder viver a vida com direitos eguaes aos do homem, dentro, claro, do seu campo.

Mas qual é esse campo de acção apropriado á mulher?

Tudo aquelle que não esteja em opposição com o seu temperamento de mulher; todo aquelle que a não pervirta, que não tenda a fazer desaparecer o velho typo da mulher superior, cujas características são inalteraveis; todo aquelle que não torne n'um ente deformado, physica e moralmente e que chame sobre si a piedade. Piedade! Será isso que querem as ultra-modernas, as desvaireadas, indignas de um seculo XIX? Em vez de berrarem como creanças com birra:

«Homem, sou igual a ti!» que con-

sultem a razão e a dignidade propria e exclamem com mais verdade:

«Somos dois entes diferentes com direitos eguaes em campos diferentes».

O que importa depois de tanto ponto ganho e tanto terreno conquistado é que a mulher moderna não se porle como uma *parvenue* esvoecendo por completo os seus pergaminhos de rainha.

Em vista dos *heroicos feitos* da «suffragista», que haja schisma: que o termo *suffragista* seja adoptado como especifico e que esse bando de tontinhas forme casta á parte e corra ao futuro absurdo que o espera.

A outra, do alto do seu throno, fitando vastos horizontes, luminosidades intensas, vida-fóra, continuará a sorrir enigmaticamente, murmurando:

«A'vante! A' acção, mulher moderna!»

Gil Eanes.

SEMANA MUNDANA

UM POUCO DE TUDO

— Os srs. Marquezes de Alegrete já regressaram á sua quinta, em Torres Novas.

— Está em Paris o sr. Visconde de Santarem.

— Está na Madeira o sr. Conselheiro José Ribeiro da Cunha, antigo Governador civil do Funchal.

— Parte segunda-feira proxima para a Allemanha o nosso amigo Vasco Ferreira de Brito (Ermida).

— Com sua filha, a senhora D. Constança, regressou ao seu palacete no Funchal a senhora Condessa de Torre Bella.

— Parte hoje para Coimbra o sr. Dr. Rodrigo de Queiroz e Mello de Souza Pinto (Riba-Bestança).

— Tem estado em Lisboa o sr. Marcos Vallado (Tameirão).

— Regressou da Suissa a senhora Marquiza de Souza Holstein.

— Acompanhado de sua esposa tem estado no Porto o sr. Frederico de Cerveira.

— Partiram para o Funchal, acompanhados de suas esposas, os srs. Luiz e Fidelio de Freitas Branco.

— E' esperado no fim do mez em Paris o sr. Marquez de Lavradio.

— Retiraram de Paris para S. Jeand'eluz o sr. Eduardo de Fiuza e Lencastre e sua ex.^{ma} esposa D. Maria Abrantes Fiuza.

— Partiu quarta-feira ultima para Madrid, o nosso illustre collega e bom amigo sr. Antonio Paes de Sande e Castro.

A' despedida, vimos na *gare*, entre outros, os snrs.:

Antonio de Campos, Dr. Antonio Kendall Ramos de Magalhães, Humberto Mendes Correia, Francisco de Figueiredo Cabral, Rodrigo de Souza Pinto, Luiz Acciainoli, etc.

CONCURSO HYPPICO NO CÂMPO DÓ BESSA

Como sempre, muito animado o concurso hyppico no Bessa.

Os camarotes e bancadas estavam repletos de senhoras, que davam um aspecto elegantissimo e alegre ao campo. Ao acaso, notamos as senhoras:

Condessa de Castro, D. Henriqueta Victoria Ramos de Magalhães, Humberto Mendes Correia, Francisco de Figueiredo Cabral, Rodrigo de Souza Pinto, Luiz Acciainoli, etc.

D. Ignez, D. Sophia Serpa Ferreira e filha D. Maria, D. Joaquina Avillez Pinto Basto e filha D. Maria Francisca, D. Maria Filomena Peixoto Aragão e filha D. Maria Luiza, D. Sophia Illuminada de Mello Peixoto, D. Sophia de Mello e Vasconcellos, D. Julia e D. Magdalena de Figueiredo Cabral, D. Paulina de Menezes Roma Machado, D. Maria dos Prazeres Palma de Vilhena e filha D. Maria Claudia, D. Lucinda Wandschneider Ferreira e filha D. Lucinda, D. Maria Henriqueta Alcoforado Cerveira, D. Luiza Ivens, D. Klotvina Mendes Corrêa e filhas D. Elsa e D. Maria Luiza, Madame Sá Pinto Sotto-Mayor e Madame Rangel.

E os snrs.:

Conde de Castro, Manuel e Francisco d'Albuquerque Pereira e Caçeres, Alberto Rebelo Valente Allen (Villar d'Allen), D. Jorge de Menezes, Alberto R. Ayres de Gouveia, Eduardo de Serpa Ferreira, Alvaro Ayres de Gouveia Osorio, Francisco de Palma de Vilhena, José da Cunha Lima, Dr. José Pedro Teixeira, Dr. José Corte-Real, Drs. Luiz e Francisco Figueiredo Cabral, Francisco de Mello, Drs. Antonio e Humberto Mendes Corrêa, Dr. Simão Pinto de Mesquita, Antonio Bernardo Ferreira, Diogo Sobral, Joaquim Ayres de Gouveia Allen (Villar d'Allen) e irmão Alfredo, João Paulo Aragão, Carlos Roma Machado, Frederico e Manoel Wan-Zeller, Eduardo Serpa Ferreira, Luiz de Menezes Acciainoli, João d'Albuquerque e Caçeres, Frederico de Cerveira, Miguel Palma de Vilhena, Camillo de Castello Branco, Primo de Sá Sotto Mayor, General Antonio de Moraes Pinto Sarmiento, Francisco Wan-Zeller, Cabral, Arnaldo d'Oliveira, Ruy Vieira (Guilhomil), João Corrêa de Bettencourt (Bettencourt), Luiz Viegas, Frederico de Azevedo, Carlos Teixeira, Joaquim Rangel, D. Luiz e D. Ruy da Cunha Menezes, Alberto Cardoso de Menezes (Margaride), Francisco Brandão de Mello, Agostinho de Mello, Antonio Teixeira de Menezes e José Sarmiento Beires.

◆◆

FALLECIMENTO

— Falleceu o general de divisão, reformado, Saturio Augusto Pires, pae do coronel reformado Amílcar Saturio Pires, e avô do nosso querido collaborador e amigo, tenente Eurico Saturio Pires, a quem endereçamos as nossas condolencias.

— Tambem falleceu em Paris a veneranda mãe do sr. Visconde de Pernes.

◆◆

DESASTRE

Encontra-se doente em Paris o sr. Visconde dos Oliveas (João) que ha dias foi victima d'um choque d'automoveis. O sr. Visconde dos Oliveas descia a Avenue Kléber quando de encontro ao automovel em que ia se arremessou um outro automovel de praça. O crystal deanteiro do automovel partiu-se, cravando-se os vidros na cara do sr. Visconde dos Oliveas. Pensado pelo sr. dr. Bensaude, apesar de ter perdido muito sangue, pôde recolher á sua casa, 4, Faustin-Hélie, Passy, onde tem sido muito visitado. Apesar de não ser grave o seu estado, ainda por muitos dias não poderá sair.

Desejamos-lhe promptas melhoras.

PERFUMARIA FINA
PRAÇA DE D. PEDRO, 101
LISBOA

RECEBEU novo sortimento de essencias finas para o lenço e banho, sabonetes e pós de arroz finissimos, boa agua de Colonia Florida e preparados garantidos para o cabelo, dando a cor natural: sortimento de elixires, pasta, pós dentrificos.

Perfumaria Balsemão
RUA DOS RETROZEIROS, 141
TELEPHONE 2.777
LISBOA

A Democracia e o Suffragio Universal

Ha uma verdade que geralmente é pouco attendida: é que o suffragio universal, aliás como qualquer outra formula de suffragio, é a cousa menos democratica que se possa conceber. Visto eleição significar escolha ou preferença e corresponder á concentração dos poderes de muitos nas mãos de poucos segue-se que, tanto o processo como a noção sobre que elle se appoia, são heresias insustentáveis perante uma doutrina que começa por estabelecer como dogma a perfeita egualdade politica dos cidadãos. Como solução unica com ella compatível essa egualdade reclamaria a adopção do sorteo como systema de recrutamento de legisladores e de governantes; se é que, como nos parece, a democracia transige em reconhecer a indispensabilidade de uns e de outros.

Tambem por amor da discussão já saltamos o outro degrau do altar democratico — o principio da completa liberdade politica do mesmo cidadão — porque esse tropeço, já o vimos, exclue totalmente a sujeição do individuo a qualquer supremacia e tornaria impossível a função governativa da qual não desistem por enquanto, mesmo entre os democratas, bons 99 centesimos do total da phalange que, pelo contrario, bem sequiosa do mando se manifesta.

O melhor, portanto, depois de assim terem sido sublinhados uns pontos absurdos da doutrina, é plicar temporariamente de parte para poderemos examinar as restantes proposições de que ella é formada — e darmos depois a todos, de uma vez, o mesmo destino. Continuemos, pois.

Como as cousas são sempre o que são e ninguém pode esperar que o advento da redemptora democracia dê talento aos pobres d'espírito, decisão aos fracos e saber aos ignorantes; como a função de governar, por mais democraticamente que venha a ser exercida, constituirá sempre a mais difficil de todas as sciencias e a mais subtil de todas as artes; ninguém, nem mesmo o mais delirante

demagogo, deixará de querer que o poder seja exercido pelos mais talentosos. Esta aspiração irresistivel, derivada de necessidades praticas inexoráveis, leva os democratas á grande transigencia significada pela eleição. Entrevedo, parece, que com o andar dos tempos e pela força das cousas esse systema de recrutamento conduzirá necessariamente á formação de uma oligarchia dos mais habéis que em suas mãos detêra todo o poder de elaboração e de administração das leis, isto é ao regresso áquillo que se passa na actualidade odiada, os democratas tomam posição para defender a sua esfarrapada these em um ultimo refugio do qual fazem fogo com esta affirmção: democracia será um estado de cousas politico sob o qual, propencha a minoria dos talentosos áquillo que propuzer, a maioria democratica só ratiificará os projectos de lei que houver perfilhado com voluntaria aprovação dos seus objectivos e dos meios recommendados para a realisação d'estes.

E ficam muito encantados com este artificio os bons dos democratas. Sedulo maliciosamente o plano machiavellico de aproveitarem o incontestavel talento do menor numero em exclusivo proveito da sua querida maioria de incapazes a qual só aceitará o que a ella propria convier e regerá implacavelmente tudo quanto seja de vantagem á minoria habil — não volte esta, de conquista em conquista, a apossar-se novamente do poder. Esta conclusão sorri de tal maneira ao espirito dos democratas que passou a ser opinião corrente hoje em dia por muita parte. Só padece contudo de um defeito: ser tão falsa, tão inviavel, como as que a precedem — e como as que se lhe seguem.

De facto, para que a maioria democratica assim pudesse ter acorrentada ao seu exclusivo serviço a minoria dos de maior valor seriam necessarias duas cousas: primeira — que os entendesse, para decidir sobre a aprovação ou sobre a rejeição dos seus alvites; e segunda — que ella propria gozasse de unidade no pensar e no querer.

Dão-se estas duas condições? Por excepção, apenas, pode admitir-se que uma determinada ideia politica tenha a appoial-a razões de pezo esmagador, as

quas, muito embora só por um homem em cada 100000 houvessem sido originalmente discordantes, se tornem tão obvias quando ordenadamente expostas que mesmo os mais obtusos possam comprehender a sua força: o ovo de Colombo. Mas taes circumstancias são extremamente raras na vida dos povos, tanto no que se limita a meras soluções politicas como, e principalmente, no que toca em problemas economicos. Como poderia a massa dos ingratos ter antevisto os effeitos politicos diversissimos que o grande movimento da Reforma veio a produzir na Europa do Seculo 16? Que previsão exacta das cousas manifestam as majorias democraticas da actualidade quando clamam pela separação da Igreja dos Estados e a promovem? Quantos annos mais hesitará ainda o eleitorado inglez em abandonar a politica paula de livres importações que está afundando a industria britannica, mantendo em desemprego forçado innumerados dos seus operários e compellido immensa gente a emigrar? Como estas trez, com outras perguntas formidáveis podem ser formuladas todas em demonstração da mesma verdade: e esta é que a plena comprehensão dos argumentos pró e contra qualquer questão de real importancia para um paiz requer um determinado grau de conhecimento dos factos acompanhado de doses de intuição e de previsão tanto acima da capacidade de que, por definição, será dotada a maioria democratica que essa maioria, ao sancionar com os seus votos as propostas de qualquer estadista, de duas uma: ou votará ás ceugas, ao acaso, por palpito ou, se isso lhe parecer absurdo como certamente parecerá, acabará finalmente por se submeter para e finalmente ao remedio que lhe recommendarem com maior insistencia e habilidade. Quer num caso quer no outro, porém, o que ella nunca fará será usar do seu apreço direito de aprovação e de rejeição isso corresponderá, na realidade, a não o ter — em contrario d'aquillo que os democratas pretendem.

Mas uma segunda condição será essencialmente necessaria para que a maioria democratica para existir de facto e possa portanto ter effectivamente

acorrentada como escrava ao seu exclusivo serviço a minoria dos de maior capacidade; e de que essa maioria seja unanime no pensar e no querer.

Pode contar-se com tal unanimidade? Evidentemente não pode. Lá porque uma multidão de creaturas são semelhantes em nenhuma d'ellas ser notavelmente mais bondosa, mais intelligente, mais energica e mais activa do que as restantes, não se segue que todas raciocinem ou sintam igualmente sobre todos os assumptos.

Essa unanimidade — é de ir mais longe — só poderá ser encontrada apenas para uma ou outra solução politica de mero caracter negativo como, por exemplo, no desejo de sniquilar a minoria se esta, além de possuir dotes excepcionaes, detiver tambem privilegios materialmente exteriorizados os quaes, vantajosos para ella, pareçam ou de facto sejam injuriosos e inconvenientes á maioria. Mas desde o momento em que haja desappreço a razão de queixa commum, tal unanimidade do querer individual está condemnada a dissolver-se.

Nu magra, universal, questão do Protectionismo contra o Livre-Cambismo, temos um perfeito exemplo de como é impossível encontrar unanimidade de pontos de vista e de aspirações na massa popular. Secção a secção, industria a industria, classe a classe, individuo a individuo pôde quasi dizer-se, todos querem, como se diz vulgarmente, Deus para si e o diabo para os outros. O operario das fabricas manufactureras quer protecção para aquella especial industria em que se occupa para que a exclusão do similar artigo estrangeiro lhe garanta continuidade de emprego e razoavel salario; mas será o primeiro a bradar, e o já de facto, contra o que elle, ensinado pelo demagogo, classificará de monopólio da terra e de especulação com a fome dos pobres, se a protecção paula for tornada extensiva ás industrias agricolas, das quaes aliás vivem outros trabalhadores em multissimo superior numero. Inversamente pensarão e se manifestarão estes. E contra ambos elles, bem como contra todos os demais, se pronunciarão os individuos cujas occupações eslejam naturalmente protegidas da concorrência es-

13 FOLHETIM DE «O CORREIO»

A CHICA

NO CHÁ DA BARONEZA

Como depois da partida do Souza para Vigo, a Paschoa se passára sem que tivessem tido confirmação aquellas affirmções que a Nogueira fizera, em cartas successivas de Paris, de que a *cousa* rebentava pelo sabbado de alleluia, a Chica um pouco desanimada, algum tanto descrente já, começou de abandonar as suas farsas conspiratorias e a suspender aquelle habitual despejar de medalhinhas que fazia com que á noite, depois de n'esse gargarejar, eu, distraidamente, fosse distribuindo aos pobres que encontrava, arrastando creanças pelas portarias dos predios, medalhinhas com o retrato do sr. D. Manuel, suppondo distribuir, caridosamente, moedas de 10 e de 5 reis.

Em todo o caso a Chica ainda se preocupava com os destinos do paiz e muitas vezes successiva, interromper de subito as minhas atrevidas expansões de ternura com um suspiro, que eu ao principio suppunha de enlanguescer amor, mas que logo percebia ser de rancorosa fúria, ao ouvir a murmurar:

— Ah!... aquella lei da Separação!...

Ternamente, para lhe affastar o espirito d'aquelles tenebrosos pensamentos, murmurava-lhe, com a minha bocca muito chegado á sua pequenina orelha:

— Deixa lá, Chica, que a nós é que ninguém nos separa...

Ella que se pellaava pelo beifinho junto da orelha e que se arripiava toda ao sentir no ouvido o meu halito ardente, apertava-me muito as mãos de encontro ao peito, e murmurava muito baixinho:

— Sim... mas olha que foi uma violencia muito grande!...

— Foi... foi lá isso foi, respondia eu

descendo os meus labios ao começo do pescoço, para depois os elevar pouco a pouco caridosamente, ao cantinho d'aquella tendadora bocca, que entretanto ia murmurando:

— Não respeitam nada... nem creanças...

— E dava-me um beifinho:

— ... nem convicções...

— Outro beifinho.

— ... nem nada... nada...

— E' verdade, Chica, não respeitam nada... nada... murmurava eu já com a minha bocca junto dos seus labios.

Ella então distrahia-se d'aquella preocupação em que a tinha a lei de Separação, que offendia as suas creanças e que a levava agora, como protesto e desforra, a querer por força que eu me confessasse tolos os mezes:

— Já, dizia ella, que voçós, homens, são tido levianos que é inutil pedir-lhes que se confessem todas as semanas.

Eu dizia-lhe que sim, que faria o que ella quizesse, e, muito meigo, muito terno, affagava-lhe os braços e puchava-a para mim, murmurando-lhe ao ouvido palavras vagas, confusas, que ella escutava, com um ligeiro sorriso, os olhos perdidos n'uma abstracção.

— Ora uma noite em meio do nosso gargarejo, a Chica disse-me:

— E' verdade... já me ia esquecendo...

A baroneza da Amendoeira quer conhecer-te... Viu-te na despedida do Souza, e disse-me que te levasse lá amanhã, á tarde, ao chá...

— Mas para que me quer ella conhecer? pergantei eu um pouco surprehendido.

— Não sei... ella é muito *thalassa*...

Vão lá muitos monarchicos...

Eu fui... Foi ao chá e a baroneza recebeu-me optimamente.

— Tenho muito gosto em conhece-lo, disse-me ella quando a Chica me apresentou... Tenho muito gosto em conhece-lo porque sei que é cá dos meus.

E piscava-me o olho.

Eu com a piscadella d'olho fiquei um pouco hesitante sobre o que queria dizer áquillo de eu ser *lá dos d'ella*.

Por baroneza era uma senhora já de idade,

desmanchadona, magra e feia, e não constava que... sim... que... enfim que chamasse toda a gente, assim logo de cara, á primeira vez, para ser *lá dos d'ella*. Mas a piscadella de olhos desorientava-me.

— Mas o equivooco que se esboçava no meu espirito,—que, devo dizel-o, se sentira alguma cousa attribuido,—desfez-se um pouco com as palavras que a baroneza foi pronunciando em seguida, puchando-me para o sofá, junto d'ella:

— Tome lá uma chavena de chá, e conte-me o que sabe...

Eu, com o espirito ainda muito *causado*, confessei com modestia:

— Para lhe fallar com verdade, senhora baroneza, não sei lá muita coisa... circumstancias da vida não me permitiram acabar o curso dos lycées e...

— Mas a baroneza, com uma cotovelada no meu braço, e com a boquinha torcida n'uma expressão de proposito enfiado, interrompeu-me:

— Ora... não se esteja a fazer engraçadões... Eu bem sei que sabe muita coisa...

Não esteja com disfarces.

— E em voz baixa, rapidamente, segredou-me:

— Olhe que eu sei tudo... Os do *comité* veem cá muitas vezes...

— Ah!... murmurei eu, comprehendo enfim ao que ella queria chegar.

— E de mim para mim dizia para que me perguntava ella o que sabia eu, se dizia saber tudo!...

— Sim continuava a baroneza, veem aqui muitas vezes, e já cá teem tido conferencias.

Depois, como eu, já interessado, me inclinasse a prestar mais attenção, a baroneza confirmou:

— Ainda hontem...

E delirando-se para traz, muito satisfeita, com um abanar ligeiro de uma ventarola de papel azul e branco em que havia uma corôa real e um reclame a uma *toja de chá*, exclamou:

— Varias vezes me teem consultado...

Eu, desejoso de poder centrar á Chica, á noite, quando fosse fallar-lhe á janella, alguma cousa que ella não soubesse ainda, insinuei:

— Então deve saber tudo... sim... deve saber.

— Ah! se sei!... exclamou a baroneza, acenando com a cabeça, e erguendo as sobrancelhas. Se sei... e tenho feito o que tenho podido...

E n'uma explosão, quasi berrou em meio do murmúrio das conversas e do tinar das colheres nas chavenas do chá:

— Ah!... porque eu tenho-lhes um odio... um odio... que se pudesse... ah!...

E empunhando a ventarola, como se fosse uma arma temerosa, a baroneza fazia um gesto feroz.

Depois, n'um reviramento, inclinando-se rapida para mim, explicou:

— Eu bem sei que isto até é peccado... mas enfim... a gente confessa-se... e não se falla mais n'isso.

Houve um silencio. A baroneza, fatigada, descalhira o corpo sobre uma almofada do sofá. Eu, distraidamente, pegára d'um livro pousado n'um *gueridon* proximo.

Era uma edição dos *Luciadas*. Machinalmente percorri algumas paginas, e ia de novo a pousar o volume sobre o *gueridon*, quando lá do sofá, n'um suspiro, a baroneza pronunciou com tristezza:

— Ah!... se esse fosse vivo... nada d'isto tinha succedido!...

— Olhe-a com um ligeiro espanto, sem comprehender. Ella então precisou:

— Sim... Se Camões fosse vivo!...

— Ah! murmurei eu, com um suspiro tambem...

N'esse momento a Chica aproximou-se e eu, encorajado pelo sorriso da baroneza, que parecia dizer que me entregasse aos meus amores, levantei-me e, com a minha Chica, fui para o vão de uma janella.

E como me impressionára muito a suspirosa observação da baroneza, disse-lhe logo:

— Oh! Chiquinha... tu has-de fazer-me o favor de indagar da baroneza porque é que, se o Camões ainda fosse vivo, nada d'isto teria succedido... nem o 5 de Outubro... nem a lei da Separação...

Anselmo.

trangeira: os medicos, os advogados, os empregados publicos, os da tropa de terra e mar, os ferro-viarios, os gazonomistas, etc., etc.

Eduardo Lupi.

Carta de Lisboa

No barometro politico a estada no poder do sr. Affonso Costa e sempre marcada por tempo variavel. Quando elle falla, quando anda, quando pensa, quando se agita, quando procede, nunca se sabe ao certo de que lado esta o vento!

Os marinheiros provençaes dão o nome de Mistral ao noroeste que é o vento mais perigoso para a navegação pelo Mediterraneo, em geral facil. Para os que navegam na politica, o sr. Affonso Costa passa a ser tambem um novo Mistral que põe em perigo o batel, na sua arriscada viagem.

Em 1910 poem-n'o no Ministerio da Justiça e do novo Mousinho da Silveira, moeda fraca, alira para a legislação do seu paiz, entre as leis que foram consideradas basilares do novo regimen, a da Separação da Egreja, e para a separar do Estado apenas a afasta para d'um contrasenso visível, a tornar ainda mais sujeita do poder civil do que estava no tempo em que andava ligada a elle.

Passou pela Egreja, como um grande cyclone e arrasou tudo desde o Deus omnipotente, que é ainda hoje uma força incomprehenivel, até ás leis do Vaticano que regulam o Catholicismo. N'um simples decreto alterou a consciencia de milhões de portuguezes, sem pensar que os affastava para sempre da sua obra.

Depois foi á contribuição predial e destruiu a propriedade, confirmando a sua antiga opinião de que o proprietario não era mais do que um simples detentor, e agora, na discussão da Lei-travão, de artigo setimo em punho, arranhou com que o funcionario publico não tenha direito algum ao seu logar, para garantia do qual o proprio Estado embolsa os direitos de mercê. Nada escapa ao Mistral.

Não ha contracto entre o empregado publico e o Estado diz o chefe do governo, segundo o resumo do extracto official! Então o que são as leis e os regulamentos dos varios serviços das Secretarias, senão o contracto que cada um tem de observar, logo que o nomearam? O artigo 7 ou não vale nada porque se não cumpre ou é uma arma terrivel na mão dos Governos para perseguirem os adversarios. Amanhã apparece um ministro na discussão do orçamento e diz poder prescindir dos serviços de A e B, com quem embirra ou de quem se quer vingar, e a commissão de finanças elimina a verba orçamental, deixando esses empregados a morrer de fome, se não houver rendimentos praticos. Será isto rasoavel? será humano?

Como arma pratica para equilibrar o orçamento, é verdadeiramente pueril. Ao sopra deste Mistral nada fica de pé. Tudo se desmorona e desaparece, direito, posse, lei! O homem no nosso paiz perdeu a qualidade de cidadão livre passando á cathedra de escravo. Só Affonso Costa é grande! Elle manda, todos obedecem! Ha quem divirja da sua politica? Mas vale porque se não elle vai-se embora!

Ha quem queira discutir a sua administração? Cale-se ou safa-se!

Um correligionario reprova actos seus e dos seus collegas? Dá-se lhe a demissão! Um outro combate um projecto que elle defende?

Dá-se-lhe uma decompostura!

E n'esta tyrannia nouveauvri se move até que um bello dia, depois de nos tirarem o emprego que nos tem levado o suor do rosto, o predio que á custa de economias adquirimos, a religião em que fomos educados, se lembrem de nos pagar o juro dos nossos papéis em papel moeda, o que já esteve mais longe a julgar pelo artigo do Seculo de hoje sobre as habilidades financeiras do governo.

E tudo ficará queado e mudo. Tudo e todos, incluindo o proprio Sr. Alfredo Magalhães que promettia fallar tanto!

Quarta-feira, 12.

Raul

Impressões de Theatro

A FLOR DA RUA

Andava-se, ha um tempo para cá, a pugnar pela imprensa, em prol do rejuvenescimento do theatro portuguez.

Atacavam-se os empresarios de só escolher peças estrangeiras para compor os seus repertorios e o publico de supportar benignamente essa ovação germanica de valsas, em operetas de fundo banal e extraviado. E havia razão para isso, porque uns e outros faziam pouco caso das investidas jornalisticas e litterarias dos campeões do theatro portuguez.

Os primeiros encalhiam os hombros com um ar de superior desdem e o outro, eterno palerma que vive no theatro só pelos recadinhos e pompas dos cartazes e das gazetas, argumentava as peças porque, tanto se lhe dá como se lhe deu, quanto no palco se vejam uns rostos interessantes de mulheres novas e umas plasticas rotundas e prometedoras, embora de mulheres velhas.

Tudo corria n'esta santa indifferença, quando a Empresa Galhardo & José Ricardo se lembrou de abrir concurso para peças portuguezas, «m tres actos, de novos na escrivania dramatica; concurso que não sei o que foi feito d'elle, mas, que teve a vantagem de aquecer o appetito de alguns empresarios a pôr em scena operetas portuguezas, de letra e musica portugueza.

Se foram felizes ou infelizes não o diz' cuto agora, porque, se algumas, d'essas peças cabiram, tambem muitas das estrangeiras, com successo feito lá fora, têm cabido pelo buraco do ponto e se tem perdido na profunda e cruel indifferença do publico, quando não têm ido acompanhadas pelo requiescat atrozador do tacão.

Agora, apenas vos venho fallar do maior successo theatral d'estos ultimos dias, (isto sem realismo) da peça representada e cantada no theatro Carlos Alberto «A Flor da Rua» original de Arnaldo Leite e Carvalho Barbosa, com musica de Fernando Moutinho. Comedia lyrica lhe chamam os seus autores e se não fosse o personagem ridiculo do Barão de Aldoar, que quebra ás vezes, bem brutalmente, situações lyricamente dramaticas, poder-se-lhe a chamar, com mais precisão, drama lyrico.

Se eu tivesse visto aquella peça antes do panno subir para o ensaio geral, teria dito aos seus autores: meus amigos façam-me um favor; deem ao Barão outra nota, menos inverosimil e chamem á sua deliciosa peça um drama lyrico. Porque, aquelles tres actos, não são outra coisa mais, do que um drama ininteressante e bem urdido em que ha phrases musicas que se adaptam n'uma homogeneidade de sentimento lyrico e sentimentalmente tristes ao dizer do poema.

Realisaram, para mim, que ha muitos annos ando pelos fustelios dos nossos theatros a ouvir peças com musica e sem musica, os seus autores, um trabalho que me causava e commovent.

Não me envergonho de dizer que, pelo deliado das situações, pelas palavras da protagonista e pela odenacia e suavidade da musica, varias vezes me afioraram aos olhos as lagrimas que soltam as almas sinceras e

sentimentaes... Chorei! Chorei! e não me envergonho de o dizer. Vi lá, na primeira noite, olhos lindos de mulheres e olhos inexpressivos de homens verter iagrimas de verdadeiro sentimento.

E porquê? Porquê a peça é banal? Não! Porque no decorrer d'esses tres actos ha momentos em que o nosso espirito se enche d'uma profunda tristeza, pela desgraça da «Flor da Rua» e a uma clara e bella sympathia pelo Visconde Hyllario, um doidivana, como muitos que eu conheço, mas que tem a dentro do coraçoõ uma alma deliciosamente boa.

Por isso e porque a these é do molde a commover e a dar uma lição de moral, a peça para mim é uma das melhores que ultimamente tenho visto e ouvido.

Temos por varias vezes apreoiado o valor dramatalogico dos autores em generos diversos d'este. Na Revista e na Farça e francamente quando nos sentamos no nosso faustell, que não é dos da imprensa, iamos lealmente o dizemos, sob uma impressão bem differente d'aquella com que sentimos, porque tinhamos o mau presentimento de que não iamós gostar. Mas, dito seja isto em verdade, gostamos, e gostamos tanto que já lá fomos dez vezes.

Arnaldo Leite e Carvalho Barboza comprovaram o que ha muito por ahi se afirma, que em Portugal ha espiritos lucidos e claros, capazes de fazer trabalhos tão bons como os que vêm lá de fora. E, Fernando Moutinho demonstrou que tem o talento preciso para musicar peças com aquella maestria e originalidade, que até agora apenas privilegio dos mestros extra-porluguezos.

Juntaram-se admiravelmente e casam-se n'uma homogenea harmonia, o poema e a musica. Pena é que o Barão de Aldoar seja por demais ridiculo e extremamente palavroso. No entanto aquella nota alacre que elle dá no decorrer do drama, se por vezes irrita os espiritos sensiveis como o meu, faz estalar a gargalhada á galeria e assim contenta o maior numero.

Feitos estas leves considerações sobre o bello trabalho dos nossos tres amigos (eu chamo-lhes assim porque eu sou amigo de todos quantos nos dão bons peças de theatro) cumpri traçar mais duas linhas relativamente ao seu desempenho, que é bom.

Temos a notar em primeiro logar Cremilda d'Oliveira, que nos deu uma «Flor da Rua» deliciosa. Esta artista, que eu conheço desde os seus primeiros passos no theatro, tem ultimamente revelado uma verdadeira vocação para as peças no genero da «Flor da Rua», para as peças em que haja uma pontinha de sentimento lyrico. Na Franz, do «Senho de Valse» e na Kathalia, do «Amor da Paixão», já ella me tinha dado essa impressão de sentimento amoroso que sabe exprimir d'uma maneira especial.

Quando ella quer, encarna-se tanto nos personagens, que chega, como aconteceu na «Flor da Rua», a chorar de verdade, em scena. E chora com aquelle apaixonado sentimento de dor que a situação requer. Faz todo o seu papel com consciencia e saber, suprimido muitas vezes a irregularidade do tom de sua voz com o jogo fisionomico, a dicção e precisão de gesto. Amante no seu personagem interessante e doidivana, prende-nos e empolga-nos, porque nós conhecemos tantos, tantos rapazes assim, alegres, pandegos, parecendo descuidados da vida, empantando a baloia importancia dos nulos e desfiando um chorriolo de palavras de calho, mas tendo no fundo uma boa alma sempre justa para operar quando se trata de fazer uma boa acção. E elle encarnou-se no tipo e deu-nos um verdadeiro Visconde Hyllario.

José Ricardo, Barão d'Aldoar, faz como sempre, bem o seu papel. Se o personagem é falso a culpa não é d'elle, que com o seu grande talento comico fez soltar espontaneamente gargalhadas é plátas.

Santos Mello, o Xavier, bem, bonacheirão e não te rales, tendo na mulher a Alta, uma mina a explorar os patos que della se aproximam em colloquios de amor. E a Aceacia Reis no papel d'Alda não desmancha, tendo por vezes mesmo felleissimas scenas com o Visconde Jorge.

Este, que é feito pelo Almeida Cruz, não está mal estudado, mas ha um pequenino mas, no modo como elle interpreta o personagem «um janota d'aquelles, no nosso meio, assim tão clinicamente seductor, é mais vivo e animado; mais pandego e menos importante.

Cantou bem todo o seu papel merecendo por isso especial menção.

O musico (Pinto Ramos) é por demais lamecha, quando falla. Poderia sel-o assim cantando, pois tudo quanto elle diz por musica isso pede. Mas, fallando e habituado á convivencia dos caetés e da rua, onde tem vivido, até aquella epocha, bobemente, não se é tão lamuriento. Ha a notar, que os pianistas que vão tocar nos balles de certa gente, não vão, de frack, mas sim de casaca, embora essa seja verdadeira verdade muito boa.

O Tenente (Jayme Silva) e a D. Kosi (Francisca Martins) regularmente apresentados.

O poeta (Mathias Almeida) diz com graça os versos do 2.º acto e as tres Margaridas (Julietta Soares, Hercolina e Georgette) são

tres encantadoras pequenas em que apeteço dar beijos.

O maestro Assiz, um verdadeiro maestro e a orchestra muito bem.

Mas, vae demasiadamente longa esta noticia, e eu que vinha só para abraçar idealmente os autores e dar um aperto de mão aos artistas, acabo por querer dar beijos ás pequenas.

No entanto, a todos, os meus aplausos e aos empresarios Galhardo e José Ricardo o mais entusiastico bravo e o aperto de mão mais apertado e commovido pelo entendimento, que comprova que em Portugal ainda ha quem saiba escrever poemas e musica para o theatro e quem saiba ensaiar e decorar scenas, como lá fora!

Alvaro.

Annuncios

ESTOFOS, MOVEIS e TAPETES

Deposito de capachos de côco e pita

Carvalho & Figueiredo

409, Rua do Sá da Bandeira, 409

(PARTE NOVA)

Em frente ao Balhão

PORTO

Herminio Pereira da Silva Pinto

TORRES NOVAS

COMMISSARIO DE VINHOS e AZEITES

Especialidade em vinhos tintos de 12 a 15 graus.

Compra e venda á commissão e de conta propria.

Pão de graça

Aos medicos, medicas, parteiras e hospitaes fornecemos o necessario para analyse e experiencia nos tratamentos dos diabeticos, dispepticos, tuberculosos e anemicos. O pão de Gluten é o mais leve e mais fino e tem sido empregado com optimos resultados.

Basta um simples postal para ser logo fornecido.

Unico concessionario em Portugal e Hespanha — Manuel J. Ferreira Valente. — Padaria Nacional — Rua de Liceiras, 140 e 144 (e suas filiaes).

LEGITIMOS

CIGARROS D'ALGER

PERFUMES de salon

CREMES D'herbe divine

Universalmente conhecido como os mais hygienicos

— Não affectam a garganta —

Cuidado com as imitações que a fama mundial d'estes marcos tem provocado.

Magalhães & Moniz, L.^{da}

LIVRARIA EDITORA

Depositarios da Imprensa Nacional

Venda de livros nacionaes e estrangeiros
de ensino, arte, sciencias e letras.Agencia de assignatura para todos os jornaes e publicações
CORRESPONDENTES EM TODO O MUNDO

CASA FUNDADA EM 1873

11, Largo dos Loyos, 14 — PORTO

Empresa Nacional de Navegação

PARA A COSTA OCCIDENTAL D'AFRICA

Sahidas em 7 de cada mez:

Para a Madeira, S. Vicente, S. Thiago, Principe, S. Thomé, Landana, Cabinda, Ambriz, Loanda, Novo Redondo, Benguella, Mossamedes, e para S. Antão, S. Nicolau, Sal, Boavista, Maio, Fogo, Brava, Bolama e Bissau; com baldeação em S. Vicente.

Sahidas em 22 de cada mez:

Para S. Thiago, Principe, S. Thomé, Cabinda, S. Antonio do Zaire, Ambrizette, Ambriz, Loanda, Novo Redondo, Benguella, Mossamedes, Bahia dos Tigres e Caboandel para Fogo, Brava, Maio, Boavista, Sal, S. Nicolau, S. Antão e S. Vicente, com baldeação em S. Thiago.

Para carga e passagens trata-se no escriptorio da Empresa

RUA DO COMMERCIO, 85 — LISBOA

**Fabrica de pregos
e ferragens para malas**

A unica no Paiz que fabrica

todos os artigos para confecção
de malas de viagem

PEDIR CATALOGOS E PREÇOS AO DEPOSITO

Rua de D. Pedro, 110-2.º

PORTO

“ADESIVOS E MAKAVENCOS,,

Chegou nova remessa d'estes magnificos bacios á casa

“AU BON MENAGE,,

81, Rua de Cedofeita, 85

Teleph. 942 — PORTO

Casa especialista no fabrico de colchões de arame,
colchões de folhelho, la, crina e summaumaUnica colchoaria no Porto que possui um bem montado serviço de
esterilização e desinfecção pelo vapor sob pressão.

O proprietario,

Julião D. Monteiro

RECOMMENDAMOS

as excellentes e magnificas pennas

D. CARLOS I e D. MANOEL II

em bonitas caixas com artisticas photographias das Suas Magestades

Fabricação exclusiva dos fabricantes inglezes

D. LEONARDT & C.º

Vendem-se nas boas papelarias de Portugal

Dr. M. Forbes Costa

CIRURGIÃO DOS HOSPITAES

Antigo assistente das clinicas de Paris, Berlim,
Londres e ViennaDoenças genito - urinaarias,
venereas e syphillisDiagnostico e tratamento da syphillis pelos
processos mais modernos, especialmente pelo
salvarsan (606) e neo-salvarsan.

Praça da Liberdade, 124-1.º

Das 2 ás 5 horas

Telephone. 143

COMPANHIAS DE SEGUROS

La Union y el Fenix Espanol
de Madrid

Union Maritime de Paris

Mannheim de Mannheim

Seguros sobre a vida, incendio, explo-
são de gaz, de machinas, rio, rendas
em caso de incendio, maritimos, pos-
taes e transportes de qualquer natureza.**LIMA MAYER & C.ª**

RUA DA PRATA, 59-4.º

Heroes de Chaves

Nova marca de cigarros

Manipulados com finissimo tabaco
havano suave

SUCCESSE COLOSSAL

Em todas as tabacarias

15 cigarros, 90 reis

CIGARROS

Presidente **ARRIAGA**

Fina mistura de tabaco havano

A MARCA DE MAIOR SUCCESSE EM PORTUGAL

Cuidado com varias marcas
imitações d'esta famosa marca**CIMENTOS**

NACIONAES E ESTRANGEIROS

POR GROSSO

Vantagens excepçoes para grandes fornecimentos
e contractos annuaes, etc.**J. WIMMER & C.ª**

LISBOA

Compagnies



de Navegation

Sud - Atlantique

Linha postal. Para Rio de Janeiro, Montevideu e Buenos Ayres, com escala por
Dakar.A 25 de Março o paquete *Dionna*.A 5 de Abril o paquete *Valdeira*.A 22 de Abril o paquete *La Gascogne*.**Linhas Commerciaes.** Para Bahia, Rio de Janeiro, Santos, Montevideu e Buenos

Ayres, com escala por Dakar.

A 19 de Março o paquete *Samara*.

Para Bahia, Santos e Buenos Ayres com escala por Dakar.

A 16 de Abril o paquete *Seguana*.Para Pernambuco, Rio de Janeiro, Santos, Montevideu e Buenos Ayres, com escala por
Dakar.A 1 de Abril o paquete *Garonna*.

Para Bordeus.

A 21 de Março o paquete *Seguana*.A 25 de Março o paquete *La Bretagne*.**M. H. Lloyd (Mala Real Holandeza)**

Para Rio de Janeiro, Santos, Montevideu e Buenos Ayres.

A 17 de Março o paquete *Zelandia*.A 7 de Abril o paquete *Hollandia*.

Para Vigo, Boulogne, Paris, Dover, Londres e Amsterdam.

A 19 de Março o paquete *Hollandia*.A 9 de Abril o paquete *Frisia*.**Linha Cyp. Fabre & C.º**Para Providence e New-York, e mais cidades dos E. Unidos da America do Norte com
escala por S. Miguel, Terceira e Fayal.

Preço das passagens em 3.ª classe para New-York, Boston, New-Bedford, etc., quarenta

e dois mil reis e para S. Francisco da California, Libras 20-0-0.

Para Marselha. A. 18 de Março o paquete *Germania*.

Para carga e passagens e mais esclarecimentos trata-se com

OREY ANTUNES & C.º

No Porto

Largo de S. Domingos, 62, 1.º

Em Lisboa

Praça Duque da Terceira, 4.